

RETRATOS DO TEATRO

BOB SOUSA



RETRATOS
DO TEATRO
BOB SOUSA

RETRATOS
DO TEATRO
BOB SOUSA



APOIO:



ORGANIZAÇÃO:



REALIZAÇÃO:

Ministério da
Cultura



Retratos do teatro

Bob Sousa

Textos de

Oscar D'Ambrosio

Alexandre Mate

Ivam Cabral

João Caldas



editora
unesp

© 2013 Editora Unesp

CURADORIA Oscar D'Ambrosio

EDIÇÃO Camilo Vannuchi

SELEÇÃO DE IMAGENS Bob Sousa, Alexandre Mate e Oscar D'Ambrosio

PROJETO GRÁFICO, CAPA E DIAGRAMAÇÃO Marcelo Carneiro (Chello)

FOTO DE CAPA Thiago Lacerda por Bob Sousa

TEXTOS Oscar D'Ambrosio, Alexandre Mate, Ivam Cabral e João Caldas

TRATAMENTO DE IMAGENS E PREPRESS Tiago Cheregati

PRODUÇÃO GRÁFICA Nanci Roberta Cheregati

REVISÃO Adriano Anderson de Castro

PRODUÇÃO EDITORIAL E EXECUTIVA Renata Araújo

ASSISTENTES DE PRODUÇÃO Laura Salerno e Fernanda Moura

TIRAGEM 1.000 Exemplares

www.bobsousa.com.br

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

S696r

Sousa, Bob

Retratos do teatro / Bob Sousa. – 1. ed. – São Paulo : Editora Unesp, 2013.

ISBN 978-85-393-0499-8

1. Teatro brasileiro. 2. Fotografia. I. Título.

13-05786

CDD: 792.0981

CDU: 792(81)

Proibida a reprodução total ou parcial sem a autorização prévia do autor
Direitos reservados e protegidos

Direitos de publicação reservados à:

Fundação Editora da Unesp (FEU)

Praça da Sé, 108

01001-900 – São Paulo – SP

Tel.: (0xx11) 3242-7171

Fax: (0xx11) 3242-7172

www.editoraunesp.com.br

www.livrariaunesp.com.br

feu@editora.unesp.br

FUNDAÇÃO EDITORA DA UNESP

Presidente do Conselho Curador

Mário Sérgio Vasconcelos

Diretor-Presidente

José Castilho Marques Neto

Editor-Executivo

Jézio Hernani Bomfim Gutierrez

Superintendente Administrativo e Financeiro

William de Souza Agostinho

Assessores Editoriais

João Luís Ceccantini

Maria Candida Soares Del Mazzo

Conselho Editorial Acadêmico

Áureo Busetto

Carlos Magno Castelo Branco Fortaleza

Elisabete Maniglia

Henrique Nunes de Oliveira

João Francisco Galera Monico

José Leonardo do Nascimento

Lourenço Chacon Jurado Filho

Maria de Lourdes Ortiz Gandini Baldan

Paula da Cruz Landim

Rogério Rosenfeld

Editores-Assistentes

Anderson Nobara

Jorge Pereira Filho

Leandro Rodrigues

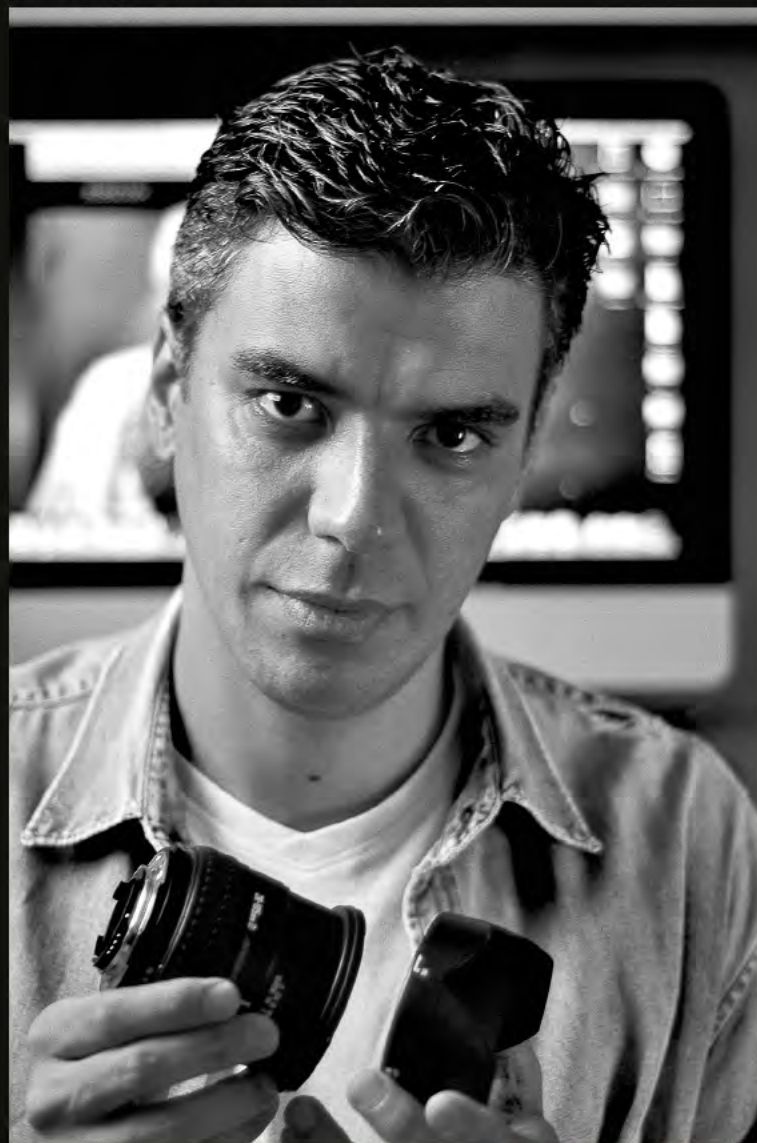
Impresso no Brasil

2013

SUMÁRIO

Operários da cena <i>Camilo Vannuchi</i>	8
“Bob de onde?” <i>Bob Sousa</i>	12
Diálogos infinitos <i>Oscar D’Ambrosio</i>	14
Um olhar singular sobre a cena teatral e seus sujeitos <i>Alexandre Mate</i>	16
Bob Sousa, colecionador de mundos <i>Ivam Cabral</i>	24
O teatro como norte e a câmera na mão <i>João Caldas</i>	28
Fotos	34
Índice de imagens	236

OPERÁRIOS



DA CENA

O que um ator disfarça sob o manto do personagem? Despidos os figurinos, o que revelam os olhares desses homens e mulheres habituados a observar o público através dos filtros da ficção? Como são as fisionomias dos produtores, dos críticos, dos cenógrafos e dramaturgos, essa gente que, dia após dia, transforma sonho em realidade sem jamais pintar o rosto ou decorar um texto? O que revelam os gestos desses operários da cena quando circulam incógnitos, à paisana, após o expediente?

Retratos do teatro é um livro revelador. Suas páginas exibem o que a maioria dos espectadores raramente pode ver: uma amostra significativa da comunidade teatral de São Paulo eternizada em imagens repletas de cumplicidade e franqueza, sem fantasias nem roteiro.

Existe algo de mágico em fotografar operários da cena. Retratá-los é converter em *pixels* corpos e mentes permanentemente empenhados em vender ilusão, como quem desvenda os truques de um prestidigitador. Há magia, também, na proeza de registrar para sempre algo fugaz por definição, uma vez que o teatro, como a dança, tem como princípio ser uma arte efêmera, presencial e irreplicável, imune a artimanhas de videoteipe e controle remoto.

Há mais de uma década, Bob Sousa percorre a cena paulistana, com obsessão de tiete e disciplina de investigador. Não há grupo ou tablado que escape de suas objetivas. Em seu acervo, com mais de 30 mil fotos, observam-se os registros de cerca de 200 peças e mais de 300 retratos, das diversas atividades ligadas ao teatro – o que faz deste livro, desde a sua concepção, uma obra pioneira, com inquestionável relevância sociocultural.

Em *Retratos do teatro* desfilam imagens de 169 profissionais, que souberam dar cara e sabor aos palcos paulistanos, e que, no conjunto, construíram – e continuam construindo – um legado imprescindível para a arte brasileira. Desfilam, também, os pensamentos sempre precisos de quatro autores que, como Bob Sousa, escolheram dedicar sua vida aos palcos: o diretor e dramaturgo Ivam Cabral, fundador da Cia. de Teatro Os Satyros e diretor artístico da SP Escola de Teatro; o fotógrafo de teatro João Caldas, um dos mais renomados em seu campo de atuação; o crítico de arte Oscar D'Ambrosio, curador deste livro; e o pesquisador e educador Alexandre Mate, professor de História do Teatro na Universidade Estadual Paulista (Unesp).

Bom espetáculo.

Camilo Vannuchi, editor

À minha Daniela, que, mesmo sem entender, no início, a paixão que sinto pelo teatro, sempre esteve ao meu lado.

Aos pequenos Isabela, Pedro e Letícia (os Bobzinhos), que aprenderam cedo a dividir com o teatro seu tempo de brincadeiras comigo.

E à minha mãe, Maria, que me ensinou a lutar bravamente pelos meus sonhos. Mesmo os impossíveis.

Nós somos do tecido de que são feitos os sonhos.

William Shakespeare, na peça *A Tempestade*

“BOB DE ONDE?”

Sou apenas um homem de teatro. Sempre fui e sempre serei um homem de teatro. Quem é capaz de dedicar toda a vida à humanidade e à paixão existentes nestes metros de tablado, esse é um homem de teatro.

Millôr Fernandes e Flávio Rangel, na peça *Liberdade, liberdade*

Sou apenas um fotógrafo de teatro. Embora existam outros, dedicados há mais tempo do que eu à tarefa de registrar a cena paulistana, há quem me chame assim: Bob, o fotógrafo do teatro. Desconfio que o façam em razão da ausência de sobrenome institucional a citar. Não sou fotógrafo do jornal X, nem da revista Y. Já quis ter um sobrenome desses, é verdade. Quando comecei, meu sonho era ter um crachá de imprensa que me permitisse conferir a peça que quisesse, quando quisesse – principalmente nas ocasiões em que dei com a cara na porta ao tentar clicar um ator ou diretor mais conhecido. “Bob de onde?”, perguntavam alguns.

Hoje, não troco por nada a liberdade de escolher as peças a que assisto, os artistas que fotografo, o ângulo ou a textura que mais me agradam, sem interferir na cena nem me preocupar com o que o editor vai achar. É claro que não deixo de publicar fotos em jornais nem de fazer fotos sob encomenda. Mas não é esse o foco do meu trabalho, nem é isso que vocês encontrarão nas próximas páginas. Os retratos reunidos neste livro são o resultado de mais de dez anos de dedicação, intensa e amorosa, ao tema que mais me fascina: o registro do teatro.

O teatro me deu tudo. Surgiu na minha vida quando eu era adolescente e atuava em um grupo amador. Por circunstâncias da vida, virei o manche e saí de

Bob Sousa

cena. Pelo menos da forma convencional. Ao mesmo tempo, pensava em ser fotógrafo desde cedo. Lembro-me de folhear revistas, aos 6 ou 7 anos, encantado com as fotos. Mais do que paisagens, me interessavam as pessoas, os retratos. Só consegui unir a fotografia ao teatro com as câmeras digitais. Não poderia produzir tanto, por minha conta, na época dos cromos e negativos. Equipado com cartões de memória, coloquei a mochila nas costas e saí por aí, fotografando.

Nunca entendi direito meu papel na fotografia de teatro – mas nunca parei para pensar a fundo sobre isso. O que me interessava era estar nas salas, conhecer pessoas, registrar. Por muito tempo, só fotografei espetáculos. Os retratos vieram depois, há cerca de três anos, acho que da necessidade de me aproximar dos artistas e contar a eles sobre a minha paixão.

Este livro é a concretização de um sonho. Sempre achei muito distante a possibilidade de publicar um livro. Como um menino a colecionar figurinhas, fui montando meu acervo sem ver a hora de completar o álbum. Hoje, penso neste livro como o primeiro de muitos. Ao definir o elenco, busquei representantes dos principais grupos. O teatro coletivo é a marca desta época. Peregrinei de pessoa em pessoa na expectativa de documentar o momento que vivemos.

Agradeço a confiança de todos que me acompanharam neste sonho. Ao Hubert Alquéres, que plantou a primeira semente deste livro. Ao Paulo Klein, pelo caloroso incentivo, desde o dia em que viu a primeira versão. Ao Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (IA-Unesp), por conservar e disponibilizar parte do meu acervo. Aos administradores e funcionários dos locais que serviram de cenário para algumas destas fotos, como Biblioteca Lasar Segall, Centro Cultural São Paulo, Cit-Ecum, Funarte-SP, Instituto Cultural Capobianco, Pulsarte, Sesc-SP, SP Escola de Teatro, Teatro Escola Célia Helena, Teatro da Garagem e Teatro Faap. Aos maquiadores Gabriel Weng e Raphael Henry, pela generosa colaboração. E, finalmente, a todos que se envolveram na produção destas páginas – ou que aparecem nelas.

Vamos em frente.

DIÁLOGOS INEINITOS

Retratos são mágicos por excelência. Revelam visões de mundo de uma pessoa mesmo que ela não as deseje. Cabe ao fotógrafo usar sua sensibilidade e sua direção para que cada imagem possa evidenciar o íntimo do retratado. Em *Retratos do teatro*, o que Bob Sousa nos oferece é uma jornada visual pelo universo das artes cênicas. Nela, encontramos – ou reencontramos – atores, diretores, técnicos, dramaturgos, críticos e apoiadores.

Percorrendo-se os retratos, afloram reflexões. Alguns fotografados colocam seu olhar distante, como se tirassem proveito do distanciamento da câmara. Ser fotografado é deixar-se invadir. Mas mesmo essa intromissão não é completa: barreiras permanecem. Quem está na foto é o personagem ou o ser humano? Essa mesma questão, sob outra ótica, sublinha o universo da sensualidade. São as atrizes que exibem sua beleza ou isso é feito pelas figuras que elas representam sobre o palco? Em algum momento essas fronteiras são claras?

O mais fascinante talvez seja admirar as mesclas. A sensualidade do mundo da vida pode voar com as asas do personagem. Ao mesmo tempo, emoções podem ser bloqueadas em razão de problemas pessoais ou até de um trabalho extenuante que se esteja desenvolvendo na época do retrato.

Oscar D'Ambrosio

Membro da Associação Internacional de Críticos de Arte (Aica), é mestre em Artes Visuais pela Unesp e doutor em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie

Lidar com o corpo implica aprender a mostrar ou guardar a pele e as emoções. Minúcias ganham dimensões épicas. A fotografia congela o tempo, reinterpreta o mundo e, como o desenho, está repleta de marcas autorais, concebidas no diálogo entre quem está diante e atrás da lente.

O fotografado imprime identidade àquilo que toca. Existe algo de misterioso e alquímico em tudo isso. Esse raciocínio se agiganta quando os retratados assumem poses. Ora querem seduzir com um sorriso, ora com um olhar maroto. Assim, comunicam-se. A posição das mãos produz sentido. Os gestos tanto revelam suavidade quanto geram interrogações. Um torso nu ou uma perna à mostra não são apenas detalhes, mas códigos virtuosos: uma semântica a nos fascinar. Retratado, fotógrafo e observador se misturam em diálogos infinitos.

Estar perante uma lente implica interpretação, pois o espontâneo sempre adota, de alguma maneira, um fingimento. Numa fotografia, não pode haver rigidez entre ser e parecer. Estabelece-se um jogo de sentidos dominado pela capacidade de surpreender. A simplicidade encanta, mas o inusitado também. Pendurar-se na parede travestido em paletó, empunhar uma lâmina ou tomar nas mãos uma flor, uma máscara, um batom, são recursos que surgem na interação inevitável entre fotógrafo e fotografado.

Uma sessão de fotos é, em síntese, uma encenação, por vezes tão complexa quanto um espetáculo teatral: há um aquecimento, uma conversa, um envolvimento mútuo que deságua num ato de amor. O que predomina é a entrega, de ambos os lados. A foto que vai para o livro é uma dentre as muitas produzidas: a filha pródiga do amor consumado.

Em seu trabalho, Bob Sousa realiza um percurso pleno de valor plástico e humano. Cercou-se de pessoas que seduzem para transmitir, neste livro, visões sedutoras do fazer teatral. Fronteiras entre real e imaginário, entre emoções verdadeiras e emoções representadas, deixam de existir. O que fica é a arte. Assim, o livro transcende o registro pictórico e ousa percorrer as veredas da imaginação e da sensibilidade.

UM OLHAR SINGULAR

SOBRE A CENA TEATRAL E SEUS SUJEITOS

*Eu não tinha este rosto de hoje,
assim calmo, assim triste, assim magro,
nem estes olhos tão vazios,
nem o lábio amargo.*

[...]

*Eu não dei por esta mudança,
tão simples, tão certa, tão fácil:
– Em que espelho ficou perdida a minha face?*

Cecília Meireles, no poema *Retrato*

O homem é finito. Entrementes, tanto seu potencial para criar e transformar a natureza quanto o registro de si, por meio da reprodução, são infinitos. O homem envelhece, mas a foto pereniza, no tempo e nas possibilidades, um instante cuja única forma de recuperação é mnemônica, por meio da memória. Aquele tempo, então finito, ascende ao infinito das lembranças. Tantas vezes, na foto, é possível contemplar a imagem pretérita, premida por outra historicidade. Tantas vezes, diante do artefato, vislumbra-se uma hipótese de retorno:

– Ah, se eu pudesse voltar sabendo tudo o que agora sei...

Vivemos em tempos de espetacularização. Fotografa-se tudo. As ditas fotos cotidianas de hoje (levadas ao paroxismo, sobretudo, pela invasão dos celulares multifuncionais), apresentam uma mesma e única reprodução: ainda que os rostos mudem de retrato para retrato, a expressão é a mesma em todos eles, forjada em sorrisos moucos, falseados, para posteriores (e comiserantes) momentos de autocontemplação. O riso congelado, repetido mecanicamente em todo lugar e em qualquer ocasião, configura documento real e onipresente, mas sem aura. Documento capenga. Filho frágil da opacização do espírito.

Alexandre Mate

Mestre em teatro e doutor em história social pela USP,
é pesquisador do teatro paulista e professor de
História do Teatro no Instituto de Artes da Unesp.

**Fotografar é um ato
do espírito, um gesto de
escolha, uma potência do
olhar, sempre aberto ao
inusitado, ao poético, ao
espontâneo**

Fotografar, no entanto, é mais do que reproduzir sorrisos estéreis e revelar fisionomias opacas. Fotografar é um ato do espírito, um gesto de escolha, uma potência do olhar, sempre aberto ao inusitado, ao poético, ao espontâneo. Se, como se diz, os caçadores paleolíticos foram os primeiros fotógrafos da humanidade – e de sua capacidade de ver e decodificar sinais, como os rastros deixados por certos bichos, dependia sua sobrevivência –, hoje a foto inevitavelmente repetida, estampando felicidade artificial, pouco ou nada revela quanto a signos ou pistas. O resultado da repetição transforma o sujeito em objeto.

Ainda assim, o registro da própria imagem continua a fascinar o homem, sempre disposto a gravar seu rosto, sua marca, para o rápido consumo de seus pares ou a possível admiração de seus pósteros.

Desde que o francês Louis Jacques Mandé Daguerre patenteou o daguerreótipo, em 1835, a fotografia vem se aprimorando na função de perenizar instantes antes “captados” tão somente por meio do desenho, da pintura, das palavras. O invento, que evoluiu e se popularizou ao longo das décadas até se tornar um bem de consumo ao alcance de todos, acabou por dispensar a confiança absoluta na chamada “versão sobre”, a tradução sugerida ou reportada de algo por alguém presenciado. Ainda que com ressalvas, a materialidade da fotografia garantiu a ela o estatuto de testemunha ocular – “eu estive lá!” –, imprimindo legitimidade aos fatos retratados (e não simplesmente narrados), até a emergência das técnicas de manipulação e montagem.

Com o barateamento do equipamento fotográfico, o ato de perenizar o instante e documentar o fato presenciado transformou-se, de certo modo, em “necessidade” do espírito. Essa espécie de compulsão por registrar (e divulgar no ambiente virtual) cada experiência vivida – do ponto turístico visitado ao prato de comida consumido – permite

que se construa, mesmo sem articulações intencionais, narrativas visuais interessantíssimas do nosso tempo, ao mesmo tempo que se vislumbram escolhas e desejos, em termos de mentalidades. Nesse imenso mar de imagens produzidas, entretanto, poucas tendem à permanência. Fotografa-se tanto e tudo, na vida mais ordinária, que não é raro o esforço para se lembrar ao que a foto se refere.

Com relação ao teatro – cujo fenômeno se dá no espaço e no tempo presente e é partilhado durante o espetáculo por dois grupos de sujeitos, os artistas e o público –, há hoje uma maior consciência quanto à importância de documentar a linguagem. Durante muito tempo, no Brasil, os registros fotográficos de cenas de espetáculos serviam apenas para a produção de peças gráficas de divulgação (cartazes, programas) ou para a publicação na imprensa. Desse modo, não se encontra no Brasil, como em tantos outros países, ensaios fotográficos de espetáculos feitos tão somente para o registro documental em si, de forma autoral ou desprovida dos objetivos específicos das duas atividades citadas: a divulgação e a publicação. Raras são as exceções.

Apesar de, provavelmente, não ter tido a intenção de produzir um ensaio fotográfico, o fotógrafo Fredi Kleemann, também ator do Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), registrou uma extensa coleção de imagens de espetáculos e deixou um belo e singular acervo que perpassa a produção teatral das décadas de 1950 e 1960, hoje conservado pela administração municipal paulistana no Centro Cultural São Paulo. Parte importante dessa coleção está no livro *Foto em cena: Fredi Kleemann* (1991), publicado pela Secretaria de Cultura, então coordenada por Marilena Chaui, durante a gestão de Luiza Erundina. A obra desse ator-fotógrafo inspirou muita gente a desenvolver atividade semelhante. No admirável *Fotografia de palco* (2008), Lenise Pinheiro revela que seu trabalho teve inspiração em Fredi Kleemann.

A experiência de Kleemann também inspirou a administração municipal a criar, nos anos 1970, o Departamento de Informação e Documentação Artística (Idart), reunindo pesquisadores ao redor de uma proposta pioneira de documentar, também por meio da fotografia, cenas representativas de grupos de teatro da cidade.

Segundo a professora e crítica Sílvia Fernandes,

[...] Não se tratava de mero registro fotográfico e sonoro, procedimento de conservação da memória teatral disponível na época, mas principalmente de uma reflexão, ao vivo, sobre o teatro vivo que se fazia na cidade. Discutiam-se linhas estéticas e práticas criativas a partir das temporadas que se acompanhavam com assiduidade na tentativa de projetar um perfil das artes-cênicas paulistanas. (CALDAS, 2013)

Desse processo documental nasceu a publicação *Imagens do teatro paulista* (LIMA, 1985), editada pela Imprensa Oficial, com imagens significativas, esboços, fotos e desenhos de cenas que rastreiam a história do teatro paulistano. Ainda na década de 1980, novos interesses com relação à preservação e à difusão da memória cultural fizeram surgir outros livros, como *EAD – Escola de Arte Dramática de 1948 a 1968: Alfredo Mesquita* (1985) e *O cartaz no teatro* (sem data), no qual foram reproduzidos cartazes impressos entre 1917 e a década de 1980, muitos deles com suporte fotográfico. Finalmente, o Centro de Pesquisa Teatral (CPT), coordenado por Antunes Filho e hospedado no Sesc Consolação desde 1983, faz também uma importante contribuição à documentação artística por meio do trabalho fotográfico de Emidio Luisi, que construiu reflexões e narrativas estéticas singulares ao clicar, por muitos anos, os espetáculos do CPT. As fotos de Luisi compõem o cuidadoso catálogo *O palco de Antunes* (1999) e, mais recentemente, o livro *Antunes Filho: poeta da cena* (2010), de autoria dele e do crítico Sebastião Millaré.

A partir dos trabalhos dos pioneiros, sejam individuais ou institucionais, muitos coletivos de teatro de São Paulo se conscientizaram da importância de documentar suas próprias trajetórias, a um só tempo históricas, estéticas e socioculturais. Diversas publicações, invariavelmente polifônicas, quase sempre tecidas a muitas mãos e narradas a muitas vozes, e repletas de imagens deslumbrantes, vêm sendo

Visto em sua
totalidade, *Retratos do
teatro* apresenta um coro
de sujeitos díspares, de
profissões e origens diversas,
baluartes da tradição ou
arautos da inovação

apresentadas por grupos contemplados com diferentes formas de patrocínio. Uma significativa multiplicação de obras documentais desse tipo, dedicadas a registrar trajetórias do teatro de grupo paulistano, ocorreu a partir de 2002, ano da implementação do Programa Municipal de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo, elaborado por artistas-trabalhadores unidos em um significativo movimento, denominado Arte Contra a Barbárie, em repúdio à mercantilização da cultura.

Entre os coletivos que, desde 2002, narraram suas trajetórias em livros ou catálogos – sempre ilustrados com belas fotografias –, estão As Graças (sem data), Brava Companhia (2010-2011), Buraco d’Oráculo (2009), Companhia Estável (2011), Companhia Livre (2012), Grupo Ornitorrinco (2009), Grupo Pombas Urbanas (2009), Parlapatões, Patifes e Paspalhões (2002) e Pia Fraus (2011), para nos atermos aos exemplos de São Paulo.

Em publicações como essas, não é raro encontrar imagens capturadas por Bob Sousa. Em sua atividade, esse fotógrafo paulistano tem contribuído para potencializar certo olhar sensível com relação aos sujeitos da cena teatral, sobretudo de São Paulo. E o faz com faro e audição de “cão perdigueiro”, incluindo em sua lista de retratados não apenas os nomes mais significativos (por seus feitos e sinalizações estético-políticos) dos palcos do Brasil – alguns com cinco décadas de atividade –, mas também os grupos ditos de menor visibilidade, em razão de serem ainda pouco conhecidos. Felizmente, essa espécie de “fotógrafo-caçador” ainda existe na contemporaneidade, com instinto semelhante ao do caçador-gravurista da pedra lascada. Sua sobrevivência – se não a biológica, pelo menos a profissional –, depende também dos rastros e sinais que é capaz de decifrar (e aqui não se faz qualquer alusão aos *paparazzi*) na busca por documentar o que precisa ser documentado.

Por intermédio do olhar premido pelo diafragma da máquina, o autor das fotografias que compõem este *Retratos do teatro* nos apresenta um conjunto de

artistas cujas imagens manifestam uma singularidade eivada de significados. São sujeitos, homens ou mulheres, em que a *persona* revela-se desmascarada. Mestres e discípulos, espectadores e artistas, técnicos e pensadores, críticos e autores formam uma singular comunidade de destino.

De A a Z, Antunes Filho e Zé Celso, ambos jovens octogenários, aparecem como guardiões do conjunto. Entre eles, emoldurados por essas duas sumidades, desfilam rostos de enorme poesia, reverberantes e contrastantes (nesse sentido, a imagem de Bel Teixeira espelha entre o ocaso e o nascente), tensos e lúdicos, com e sem maquiagem (Denise Fraga, de certo modo, se distancia para revelar Chen Tê, de Bertolt Brecht), misteriosos e enigmáticos (Luiz Valcazaras e Laura Cardoso “escondem-se” para se revelarem, também, por meio de suas mãos).

Alguns corpos dependuram-se. Há os que se iluminam no escuro ou se disfarçam na fumaça. Outros portam: facas, livros, microfones, tintas de palhaço, máquinas, tacos, travesseiros, óculos quebrados; tudo intencionalmente escolhido, poetizando, em completude, a imagem do protagonista. Existem aqueles que se abraçam, portam animais, mostram-se nus, sem qualquer armadura... Rostos vincados, gestos carregados de expressão, sorrisos francos e olhares transbordantes de humanidade provocam arrepios atávicos, inexplicáveis. Juntos e apresentados assim, em conjunto, esses corpos e rostos formam um painel inequívoco de gente urgente, que tem transformado a cena paulistana em um legado alegórico, cuja imagética abriga a todos.

Bob Sousa, teimosamente, parece preferir o ser à cena. Trata-se de um fotógrafo que escolheu os sujeitos da criação, despídos das espetacularizações artificiais do *glamour*, para povoarem as páginas de seu primeiro livro. Ao permitir que o retratado se mostre como é e gostaria de ser visto, o fotógrafo, por intermédio de suas lentes, facilita o ato da autorrevelação. Visto em sua totalidade, *Retratos do teatro* apresenta um coro de sujeitos díspares, de profissões e origens diversas, baluartes da tradição ou arautos da inovação representada pelo hoje denominado “teatro de grupo”, mas unidos por algo em comum: o tea-

tro. Ato de aproximação de grande ousadia, a cena final, representada pelo livro, entrelaça – e presta homenagem – a corifeus e corifeias do século XXI: homens e mulheres que, se não atuam no mesmo espetáculo, somam-se e completam-se na amorosa tarefa de transformar o teatro paulistano em um dos mais diversos, criativos e significativos do país.

Por último, lembremos o escritor uruguaio Eduardo Galeano:

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: – Me ajuda a olhar!

É simplesmente isso. Como no conto *A função da arte*, de Eduardo Galeano, publicado em *O livro dos abraços* (2002), Bob Sousa, por intermédio de seu livro, nos pega pela mão para tanger em imagem um mar de gente revelada. Homens e mulheres, dos diversos teatros praticados na imensa cidade desvairada, cuja criação torna a vida daqueles que têm acesso à linguagem muito melhor, ampliada, comprometida.

Referências bibliográficas

CALDAS, João. *Teatros por João Caldas*. São Paulo: Terceiro Nome, 2013.

EAD – Escola de Arte Dramática de 1948 a 1968: Alfredo Mesquita. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura/Fundação Padre Anchieta, 1985.

GALEANO, Eduardo. *O livro dos abraços*. Tradução Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&PM, 2002.

LIMA, Mariângela Alves de (Org.). *Imagens do teatro paulista*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/Centro Cultural São Paulo, 1985.

LUIZI, Emidio; CATANZO, Wladimir. *O palco de Antunes* (catálogo). São Paulo: Caixa Econômica Federal, 1999.

_____; MILARÉ, Sebastião. *Antunes Filho: poeta da cena*. São Paulo: Sesc SP, 2010.

MARCONDES, Tânia; VARGAS, Maria Thereza (Org.). *Foto em cena*: Fredi Kleemann. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1991.

MEIRELES, Cecília. Retrato. In: _____. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1973.

O CARTAZ no teatro. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, [198-].

PALCO paulistano. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

PINHEIRO, Lenise. *Fotografia de palco*. São Paulo: SESC SP, 2008.

BOB SOUSA

COLECCIONADOR DE **MUNDOS**

Nós, fotógrafos, lidamos com coisas que estão continuamente desaparecendo, e, uma vez desaparecidas, não há nenhum esforço sobre a terra que possa fazê-las voltar.

Henri Cartier-Bresson, no livro *The Decisive Moment*

Todos os dias, diante da Torre Eiffel, milhares de pessoas, de diferentes países, se aglomeram com suas máquinas digitais em riste ou apontam seus *smartphones* para a famosa construção. A obsessão dos turistas pela fotografia é alimentada pelo maior dos temores: a efemeridade da vida. Aquele momento único vai se perder com o transcorrer dos anos, e somente uma foto poderá provar que aquele dia existiu, tanto para quem o fotografou quanto para os outros. A realidade estará impressa naquela imagem digitalizada, como uma lembrança, uma prova, uma experiência vivida e transformada em *pixels*.

A angústia provocada pela ideia de que um instante precioso pode se perder inexoravelmente – para sempre – se dilui parcialmente graças à fotografia.

Somente isso já seria o suficiente para justificar um livro de fotografias de teatro. O teatro, essa arte do efêmero, que não se grava nem se repete de maneira idêntica, depende das fotografias para resistir ao seu próprio fim. É por meio desses registros, em *pixels*, cromos ou negativos, que os instantes encenados se eternizam. Cenários, atores, luzes, gestos, maquiagem e figurino, tudo pode ser finalmente inventariado, lembrado e revivido, seja nos álbuns, nos porta-retratos, nas revistas, nas redes sociais, nos sites ou nos livros.

Ivam Cabral

Ator, diretor, dramaturgo e compositor, foi um dos fundadores da companhia teatral Os Satyros. Desde 2009, é diretor artístico da SP Escola de Teatro.

O teatro, essa arte do efêmero, que não se grava nem se repete de maneira idêntica, depende das fotografias para resistir ao seu próprio fim

A despeito dos diversos programas de edição e manipulação de imagem, a fotografia ainda carrega em si uma ideia de reprodução do real. Mais do que os relatos ou as pinturas, as fotos são provas irrefutáveis daquilo que existiu um dia. Elas legitimam ambientes e personagens, como se testemunhassem fenômenos que não podem ser esquecidos.

E é por isso que a fotografia, para a gente do teatro, é tão importante quanto para os turistas diante da Torre Eiffel. A sensação angustiante de que nossa obra é efêmera, de que ela vai desaparecer em poucas semanas, pode ser amenizada ou disfarçada quando temos uma fotografia nas mãos.

A obra de Bob Sousa funciona como antídoto contra essa angústia. Ela remedia ou atenua a dor do efêmero à medida que o cartão de memória é preenchido. Mais do que isso, a fotografia de Bob Sousa atinge outras camadas, ainda mais profundas, de intervenção criativa. Seu legado não é apenas o de quem se apropria daquilo que sorrateiramente se deu diante de nossos olhos para surrupiar instantes e imprimir memórias. Suas fotos exprimem a sensibilidade de alguém que testemunhou um momento teatral e pôde transformá-lo, numa fração de segundo, numa nova experiência artística.

A fotografia de Bob Sousa não apenas registra o momento teatral, mas trata de propor ao que a vê uma nova experiência estética, com formas, movimento, cores, expressões e sensações próprias. Observando suas fotos, desenvolvemos um novo olhar sobre o mesmo espetáculo, não como uma simples reprodução, mas como uma nova percepção da obra.

O teatro deixa de ser apenas a realidade capturada instantes antes de se extinguir para se transformar em mistério. E o olhar de Bob Sousa, debruçado generosamente sobre o palco, os camarins, as coxias, e sobre cada um dos profissionais que produzem e se alimentam do espetáculo, em cena ou fora dela, nos conduz com

Neste livro, Bob Sousa nos apresenta sua disposição para captar o imaterial e transformá-lo em inesquecível

sedução e magia a outro patamar: um mistério sobre o mistério, como definiu Diane Arbus, fotógrafa norte-americana famosa nos anos 1960 por retratar pessoas excluídas ou marginalizadas, entre as quais anões, gigantes e transexuais. Algo que, para além do registro histórico, nos leva a um mundo ainda a ser descoberto ou criado.

Imagens, ações, emoções. Muitas. Captados com as lentes da sensibilidade, os retratos de Bob Sousa nos remetem à magia do palco e eternizam o que é efêmero. Por muitos ângulos, o artista da câmera retratou dezenas de artistas do palco e personalidades que compõem as plateias desses artistas ou os bastidores de sua atividade. São imagens que contam ou recontam histórias já assistidas, é claro, mas são também registros a partir dos quais muitas outras histórias podem ser contadas, lembradas, reinventadas.

Algum leitor desavisado pode pensar que é tarefa simples o registro que esse jovem fotógrafo aqui nos apresenta. Engana-se. Um amontoado de cliques jamais conseguiria traduzir o que ele traduziu: a sutileza das expressões dos atores, os olhares, as cores, as emoções que elas despertam. Neste livro, Bob Sousa nos apresenta sua disposição para captar o imaterial e transformá-lo em inesquecível, uma arte que se conquista após um longo e persistente exercício de paciência. Porque todo bom fotógrafo sabe que é preciso paciência, e muita, até que o registro sonhado se concretize na lente da câmera.

Por vezes, as imagens que se tenta captar ganham vida própria e, como os humanos, se tornam temperamentais, arredias. No mesmo instante que nossa retina fixa uma imagem, ela pode desaparecer. Num piscar de olhos, a foto cobiçada se perde, se despedaça, desaparece. É nesse momento que muitos desistem. Mas não o incansável Bob Sousa. Ainda que muitas das imagens sonhadas por ele tenham lhe escapado, ao final venceu sua persistência. E o troféu conferido por sua vitória acaba sendo nosso, distribuído nas páginas deste livro.

Susan Sontag, escritora, ativista e crítica de arte, dizia que colecionar fotos é colecionar o mundo. Bob Sousa nos permite colecionar o mundo mágico do teatro a partir de seu olhar único.

Referências bibliográficas

CARTIER-BRESSON, H. *The Decisive Moment*. New York: Simon and Schuster, 1952.

o TEATRO COMO NORTE E A CÂMERA NA MÃO

Retratos do teatro parece um título ambicioso. Pretensioso até, considerando-se o vasto acervo de imagens que poderiam compor um livro com o mesmo título, cuja proposta fosse apresentar, em imagens, o amplo espectro de escolas e linguagens, tanto do teatro quanto da fotografia, desde as origens até o momento atual, no Brasil e no mundo. É verdade que, para isso, seria preciso imprimir não apenas um livro, mas uma coleção inteira, com diversos volumes. Afinal, o teatro é tão complexo e diversificado que seria praticamente impossível esgotar o tema em duzentas ou trezentas páginas.

O teatro existe há séculos. Surgiu em razão da necessidade do homem de mostrar seus ritos, suas tradições, suas histórias, e, com o passar do tempo, tornou-se uma forma de expressão, uma maneira de reproduzir experiências de vida, mostrar sentimentos, divulgar comportamentos, ideias, valores morais e filosóficos.

A fotografia, como a conhecemos hoje – e em constante aperfeiçoamento –, tem pouco mais de 180 anos. Desde a origem, sempre cumpriu o papel de registrar o cotidiano e as manifestações artísticas das diferentes sociedades. Presente em todos os países, culturas e etnias, o teatro é arte, expressão, entretenimento e lazer. Com tantos predicados, tornou-se naturalmente objeto de documentação fotográfica.

João Caldas

Fotógrafo especializado em teatro, clicou mais de 700 espetáculos em 31 anos de carreira. É autor do livro *Teatro por João Caldas* (Terceiro Nome, 2013).

Teatro e fotografia têm em comum a prerrogativa de contar histórias. Ambas as artes se encontram na necessidade de eternizar o que acontece sobre o palco

Teatro e fotografia têm em comum a prerrogativa de contar histórias. Ambas as artes – ou técnicas, se preferir – se encontram na necessidade de eternizar, em papel, película ou *bytes*, o que acontece sobre o palco, e que, sem a fotografia, estaria fadado a desaparecer ao final da temporada.

Teatro e fotografia também se encontram na necessidade de divulgação, o que torna os retratos dos artistas e as imagens de cenas da peça elementos fundamentais para a produção de cartazes, pôsteres, *newsletters*, anúncios ou mesmo para suprir a demanda por fotos que venham a acompanhar as resenhas e reportagens publicadas em sites, revistas e jornais. Isso permitiu que alguns fotógrafos, desde o início do século XIX, se especializassem nesse campo.

Bob Sousa foi um deles. Desde 2000 ele vem retratando o teatro paulistano de maneira constante e disciplinada, embora sua obra tenha percorrido quase sempre um viés muito mais de pesquisa pessoal do que de divulgação ou promoção dos espetáculos. Sorte nossa.

Em sua atividade, Bob Sousa é herdeiro de uma extensa genealogia de fotógrafos que, como ele, emprestaram sua estética e seus olhares ao registro das artes cênicas. Em São Paulo, essa especialização, por assim dizer, teve início muito timidamente por volta de 1900, numa época em que as produções apresentadas na capital paulista eram quase sempre estrangeiras ou oriundas do Rio de Janeiro.

A primeira companhia teatral paulistana foi o Grupo de Teatro Experimental (GTE), constituído em 1942, cujos integrantes fundariam em 1948 a Escola de Artes Dramáticas (EAD), com o objetivo inédito de formar atores, dramaturgos, críticos e cenógrafos. Em 1943, Décio de Almeida Prado organizou e dirigiu o Grupo Universitário de Teatro, ligado à USP. Naquele mesmo ano, foi fundado o Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), dando início a um ininterrupto movimento de expansão da cena

paulistana, com a formação de novas companhias, entre as quais o Arena, inaugurado em 1953, e o Oficina, de 1958.

Foi a partir do final dos anos 1940 que alguns fotógrafos em São Paulo começaram a trabalhar nos teatros, com o objetivo de produzir imagens para a divulgação dos espetáculos. Os primeiros nomes a citar são os de Fredi Kleemann (1924-1974), que trabalhou para o TBC, e Derly Marques, que registrou as encenações mais importantes do Teatro de Arena, do Teatro Oficina e da EAD. Como essas imagens eram produzidas para serem usadas pelas companhias, os fotógrafos tinham acesso aos ensaios e faziam seu trabalho antes da estreia, com liberdade para interferir na luz e na composição da cena apresentada e mesmo para “congelar” a cena de modo a obter um registro com qualidade técnica impecável. Kleemann foi um especialista nisso. Além de excelente fotógrafo, ele também atuava nas montagens do TBC, o que lhe facilitava a intimidade com o elenco, os diretores e o corpo técnico. Profundo conhecedor da linguagem teatral, suas fotos, embora posadas, parecem instantâneos de cena.

A partir da década de 1970, com a evolução dos equipamentos e dos filmes fotográficos, o registro dos espetáculos passou a ser feito durante as apresentações ou nos ensaios, mas sem a necessidade de imobilizar os atores. Isso fez que cada fotógrafo começasse a desenvolver sua estética, manipulando a cena retratada exclusivamente por meio dos recursos utilizados e de seu posicionamento em relação ao objeto. O olhar de cada fotógrafo se transformou em sua assinatura.

É também a partir dos anos 1970 que a fotografia passa a prestar, de forma sistemática, um importante serviço na documentação e na preservação da memória do teatro paulistano. Cabe mencionar o trabalho iniciado em 1975 pelos pesquisadores do Departamento de Informação e Documentação Artística (Idart), vinculado à Secretaria Municipal de Cultura. Incorporado em 1982 ao recém-inaugurado Centro Cultural São Paulo (CCSP) e rebatizado como Equipe Técnica de Artes Cênicas da Divisão de Pesquisas, esse núcleo foi responsável por montar um acervo que

Diante de Bob Sousa,
os atores deixam de lado
seus personagens e, muito
à vontade, se entregam à
suavidade do seu
jeito e da sua luz

hoje reúne mais de 60 mil fotografias e centenas de textos, programas, cartazes e gravações em áudio de espetáculos encenados na cidade.

Além das coleções dos pioneiros Fredi Kleemann e Derly Marques, o acervo do CCSP inclui centenas de fotos feitas por profissionais como Julio Agostinelli, Djalma Limongi Batista, Ruth Amorim Toledo, Tereza Pinheiro, Emidio Luisi, Gal Oppido, Vania Toledo, Gerson Zanini, Ary Brandi e outros, todas feitas em conformidade com as regras estabelecidas pelos pesquisadores do CCSP: apenas em apresentações regulares, com público, durante a temporada comercial.

Fotografar qualquer espetáculo exige uma série de cuidados para que seu trabalho não interfira na concentração dos atores nem atrapalhe o público. O profissional deve assistir ao espetáculo antes de fotografá-lo, escolher um lugar estratégico na plateia e nunca se deslocar durante a apresentação. Usar roupas escuras, ser discreto, movimentar-se apenas o essencial e, se possível, usar um abafador na câmera para que o clique não reverbere pela sala. Sem o abafador, recomenda-se evitar fotografar as cenas de maior tensão dramática, com diálogos sussurrados ou marcadas pelo silêncio.

Quem usa câmeras digitais – ou seja, quase todo mundo atualmente – deve deixá-las no modo silencioso, recurso disponível nos modelos mais novos, desligar o monitor e cobrir todas as luzes que o equipamento emite. Recomenda-se manter a câmera o tempo todo apontada para a cena e evitar conferir as fotos feitas, o que já se tornou um cacoete, principalmente entre os jovens fotógrafos que nunca usaram câmeras com filme. Ao conferir a imagem no monitor, o profissional incomoda os espectadores em razão da luz do *display*, atrapalha os atores e, igualmente grave, perde a concentração. Com isso, deixa-se escapar um instante importante, uma cena valiosa, um momento precioso da encenação. Se, ainda assim, ficar faltando alguma imagem, é aconselhável voltar na noite seguinte, com outra objetiva, e procurar uma posição diferente da ocupada na noite anterior.

Não existe um padrão para uma boa foto de cena. Cada fotógrafo tem o seu modo de ver e reinterpretar a cena apresentada. Sobre a fotografia de teatro, Thomaz Farkas (1924-2011) afirmou, certa vez, que o fotógrafo, por mais competente que fosse, não fazia mais do que registrar cenas pré-visualizadas pelo diretor ou encenador do espetáculo. Para ele, fotografar um espetáculo era o mesmo que fazer uma reprodução do que acontece no palco. Discordo. Ao observar as obras de vários colegas, como Emidio Luisi, Gal Oppido, Lenise Pinheiro, Ary Brandi e Guto Muniz, só para citar alguns dos mais antigos e ativos profissionais da área, percebo nas fotografias de espetáculos muito mais do que as cenas pré-visualizadas pelo diretor.

O fotógrafo revê, reenquadra, reinterpreta a cena ou a coreografia. O que ele registra é aquilo que lhe causa emoção, que dialoga com suas referências estéticas e com sua formação pessoal. Quantas vezes já ouvi de diretores manifestações de surpresa ao verem fotos de cena e perceberem detalhes não intencionais, não previstos na concepção do espetáculo. A fotografia de cena é capaz de trazer de volta a emoção de ter assistido a um espetáculo, despertar a vontade de assistir e até fazer alguém se lamentar por não ter assistido a ele.

Numa época que a fotografia está ao alcance de (quase) todos, o que difere um fotógrafo de teatro de um espectador bem intencionado, ou mesmo de um fotógrafo não especializado nesse tema, é o compromisso que profissionais como Bob Sousa mantêm com seu *corpus* de pesquisa. Antes mesmo de enveredar pela fotografia, ele já era um jovem fascinado pelos palcos e sua gente. A atividade apaixonada, a dedicação exclusiva ao assunto, o interesse em aprofundar seus estudos com uma pós-graduação em artes cênicas, a disposição para vasculhar nossa *off-off-off-Broadway* e revelar novos nomes da cena paulistana sem fechar os olhos para os veteranos, tudo isso faz do autor deste livro, após pouco mais de uma década de carreira, um dos expoentes nessa arte. Seu *Retratos do teatro* é prova disso.

Leva tempo e dá muito trabalho publicar um livro como este. Nele, a escolha foi por reunir não as diversas cenas de palco que Bob Sousa fotografou

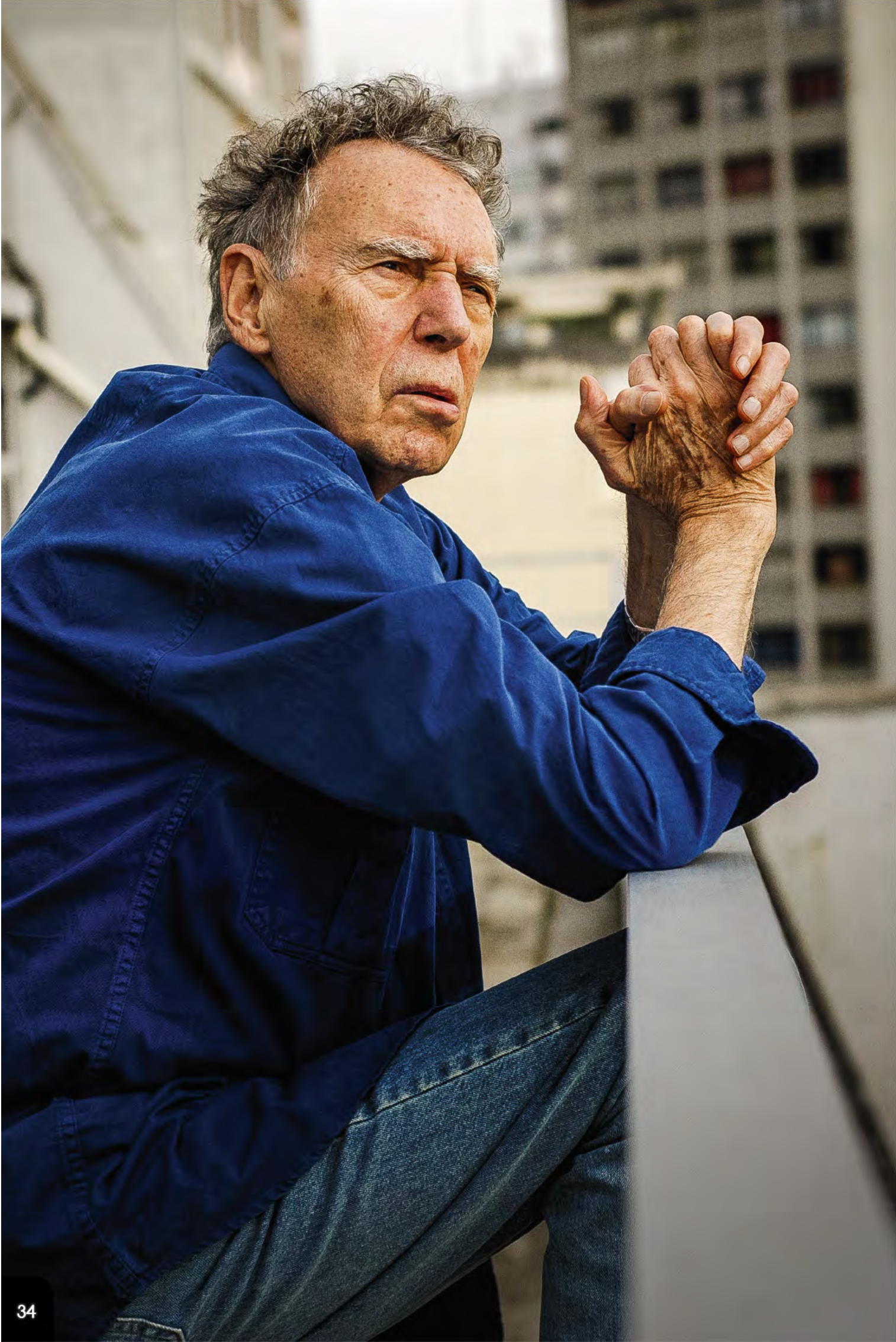
ao longo desses anos, mas os retratos de 169 profissionais que estão por trás (e à frente) da criação, da produção e da divulgação do teatro paulista. Talvez o mais belo entre os trunfos deste livro seja sua capacidade de demonstrar que o teatro é arte coletiva, feita por muita gente: diretores, atores, atrizes, cenógrafos, iluminadores, sonoplastas, técnicos, maquiadores, cabeleireiros, camareiros, empresários, críticos, porteiros e fotógrafos.

Há mais de 10 anos, são essas pessoas que inspiram o trabalho e a rotina de Bob Sousa. Sua vida e sua fotografia têm o teatro como norte. Seus retratos são simples, profundos e verdadeiros. Diante de Bob Sousa, os atores deixam de lado seus personagens e, muito à vontade, se entregam à suavidade do seu jeito e da sua luz, enquanto a turma dos bastidores se sente lisonjeada por ser lembrada. O Bob é um homem de teatro. Fazendo uma paráfrase do bordão que ele mesmo costuma repetir: “Vá em frente, Bob!”

Referências bibliográficas

FERNANDES JUNIOR, Rubens. Teatro e fotografia. In: *Blog Icônica* (Internet). São Paulo: 12 abr. 2010. Disponível em: <http://iconica.com.br/blog/?p=677>. Acesso em: 16 jun. 2013.

LIMA, Mariângela Alves de (Org.). *Imagens do teatro paulista*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/Centro Cultural São Paulo, 1985.



“Ainda bem que temos Bob Sousa como parceiro para divulgar o efervescente teatro brasileiro.”

Antunes Filho



Danilo Grangheia



Lavinia Pannunzio

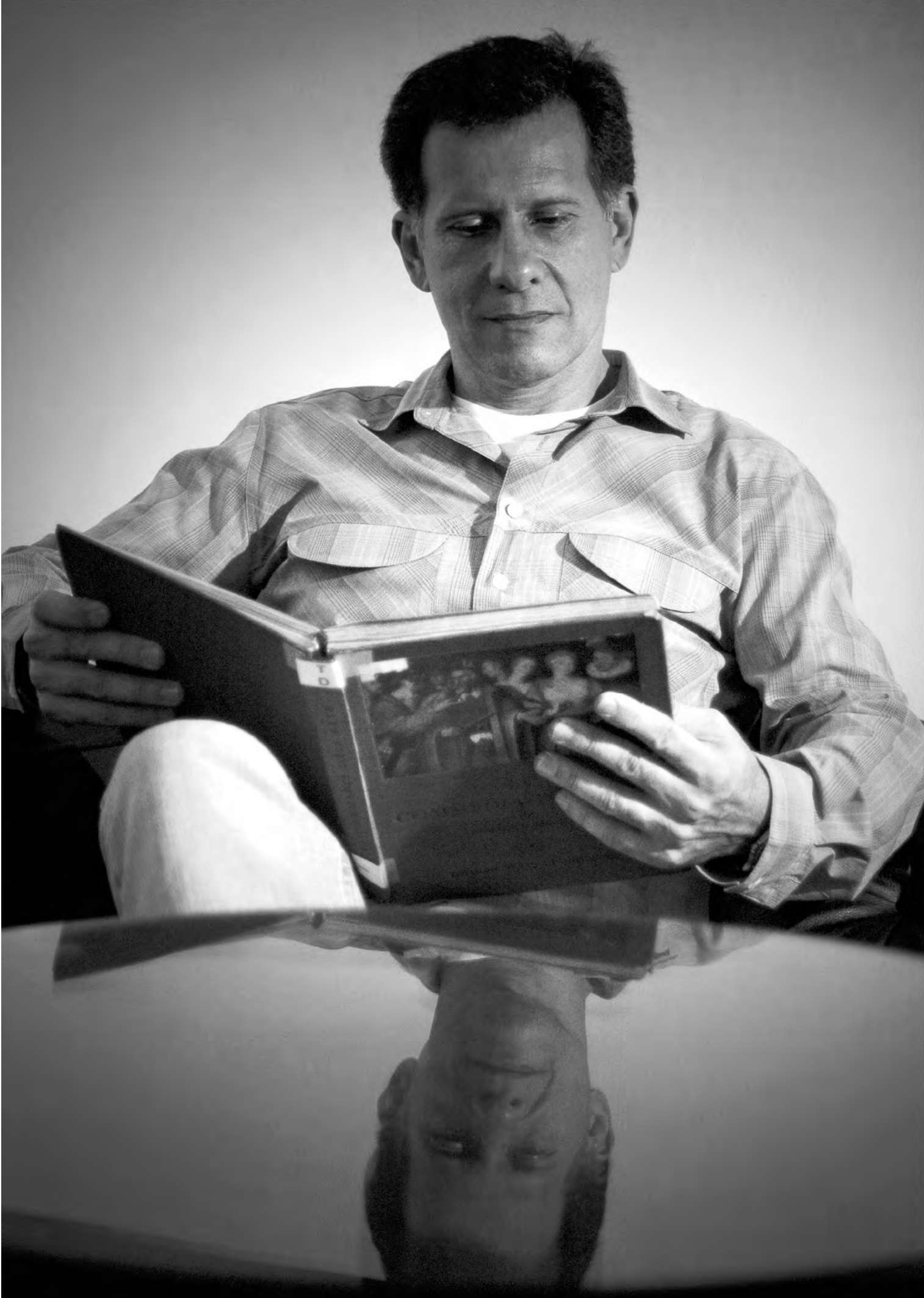


Carlos Colabone

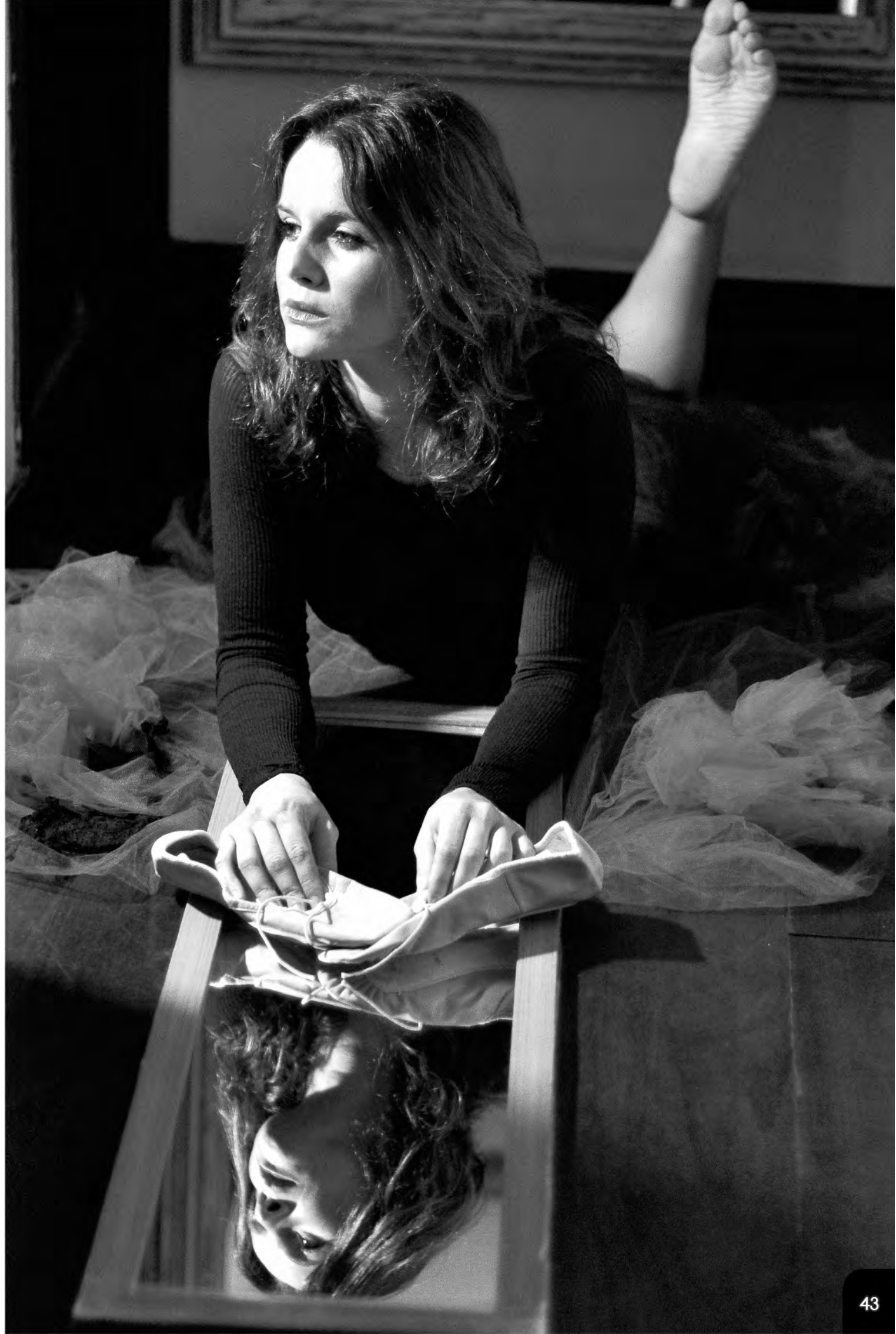


Valmir Santos





Joca Andreazza



Flávia Tápias



José Roberto Jardim



Bel Kowarick







Fabiana Vajman

“Gente de teatro costuma ter uma relação direta com o palco, que implica movimento, deslocamento. Parar e se relacionar com uma câmera, para uma imagem congelada, não é a mesma coisa. Estou muito acostumada a ser fotografada vestindo um personagem. Ele, de certa maneira, me protege nesse sentido. Agora, tirar foto como Bete, pessoa física, despojada do personagem, é sempre difícil para mim. E o Bob me dirigiu de uma maneira tão delicada, tão tranquila, que foi uma experiência muito boa. Aquilo ali sou eu, num momento muito autêntico. Essa é a característica mais bonita no trabalho dele. Suas fotos flagram as pessoas como elas realmente são. Têm um olhar artístico? É claro que têm. Mas é um olhar que dialoga com a nossa alma. Observando imagens que ele fez de alguns colegas, percebo que elas são muito mais do que apenas registros documentais dos artistas da nossa época. Bob ilumina certos ângulos da personalidade, do caráter dessas pessoas, que normalmente não são expostos. A sensibilidade de permitir que esses ângulos sejam iluminados é muito especial.”

Bete Dorgam







Célia Forte e
Selma Morente



Stella Menz e
Juan Manuel Tellategui



Amália Pereira e
Reginaldo Nascimento

Marcos Pedroso







Neyde Veneziano



Christiane Tricceri



Maria Manoella

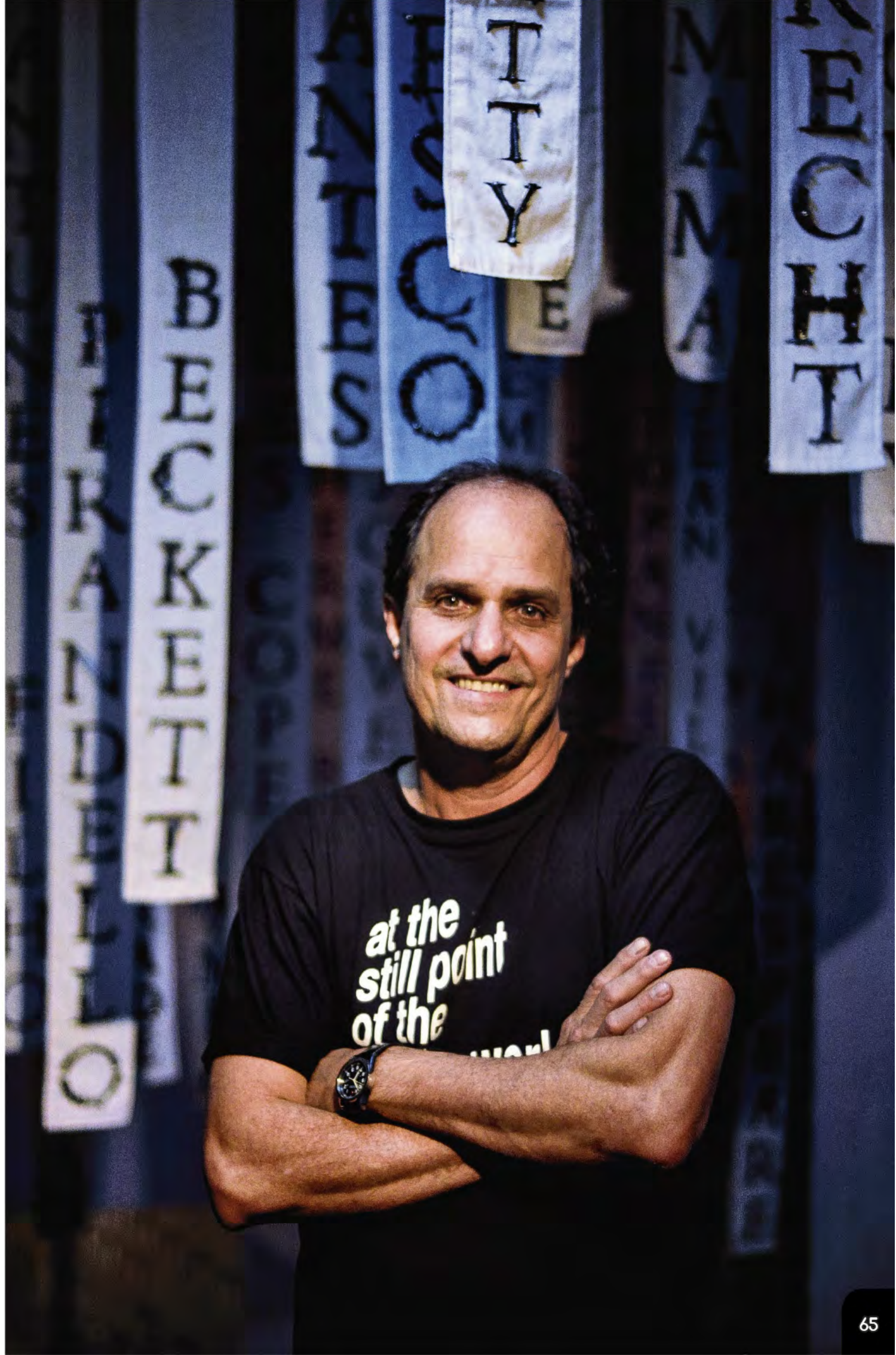


Luciano Maza





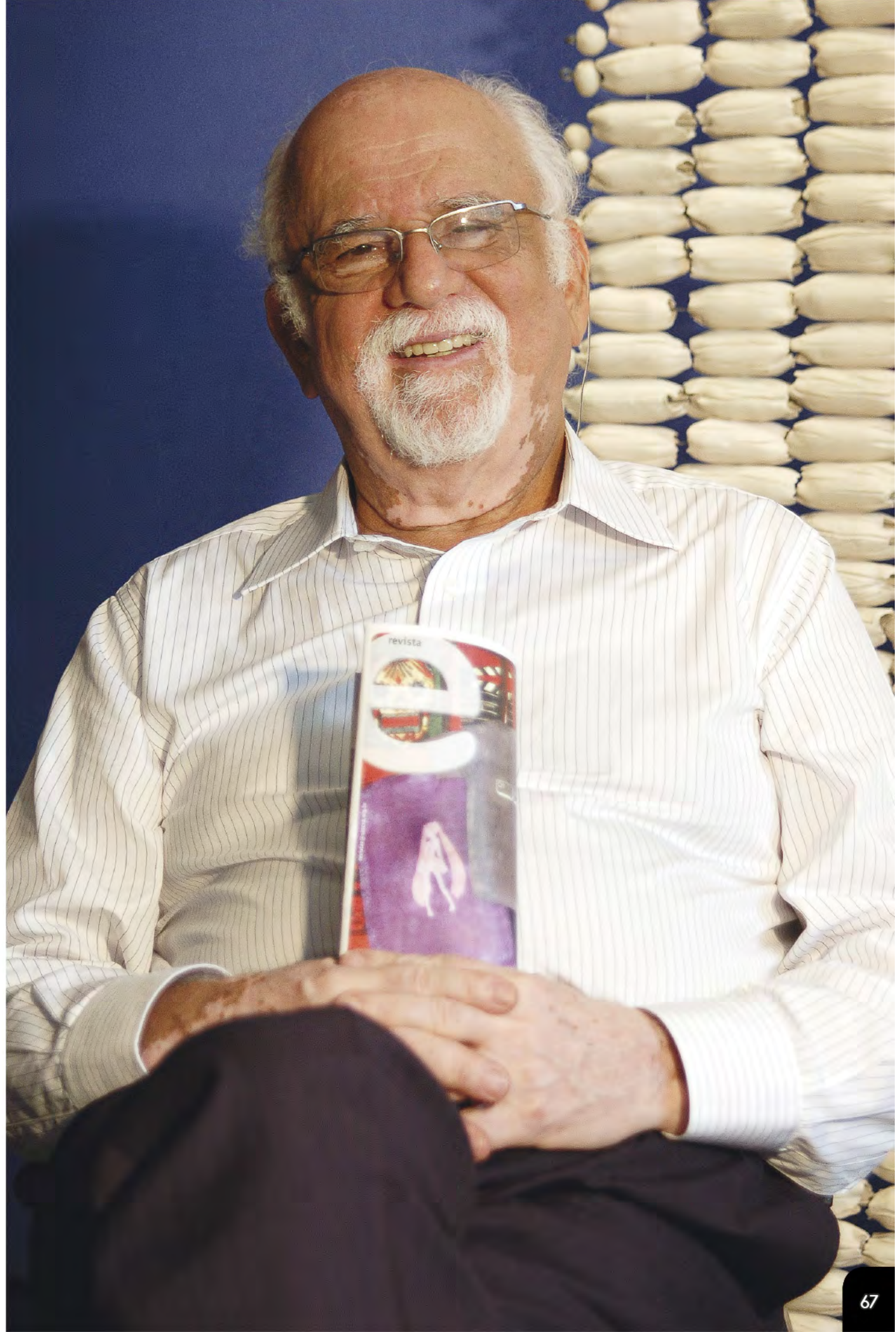
Luciano Chirolli



J.C. Serroni

“A cena paulistana é riquíssima. Há desde musicais da Broadway até as manifestações mais simples e amadoras, espalhadas pelo vastíssimo território da metrópole. Por mais espetáculos e por mais salas que a cidade tenha, ainda assim os espaços são insuficientes, porque, com frequência, há produções que não têm onde se apresentar. A oferta é maior do que a capacidade de acomodá-la. Eu conheço o trabalho do Bob, o da Lenise Pinheiro e o que é feito por outros profissionais especializados na fotografia do teatro. Registrar tudo isso em livro é absolutamente indispensável. Por quê? Primeiro, para tornar o teatro mais conhecido, mais presente no imaginário da população em geral. Em segundo, para dar informação precisa junto ao público, por meio da imprensa e dos outros canais de divulgação. Finalmente, o mais importante, na minha opinião, é a função de valorizar a linguagem. O teatro é tido muitas vezes como hermético, difícil, como se só as comédias de costumes fossem amplamente aceitas, por serem mais fáceis de entender. Mas esse teatro aliado à pesquisa, com uma expressão mais forte e uma linguagem mais contundente, esse teatro também tem espaço em São Paulo. É importante valorizar. Isso ajuda a levar a arte às pessoas, não apenas para o divertimento puro e simples, mas para a reflexão, a provocação, o debate.”

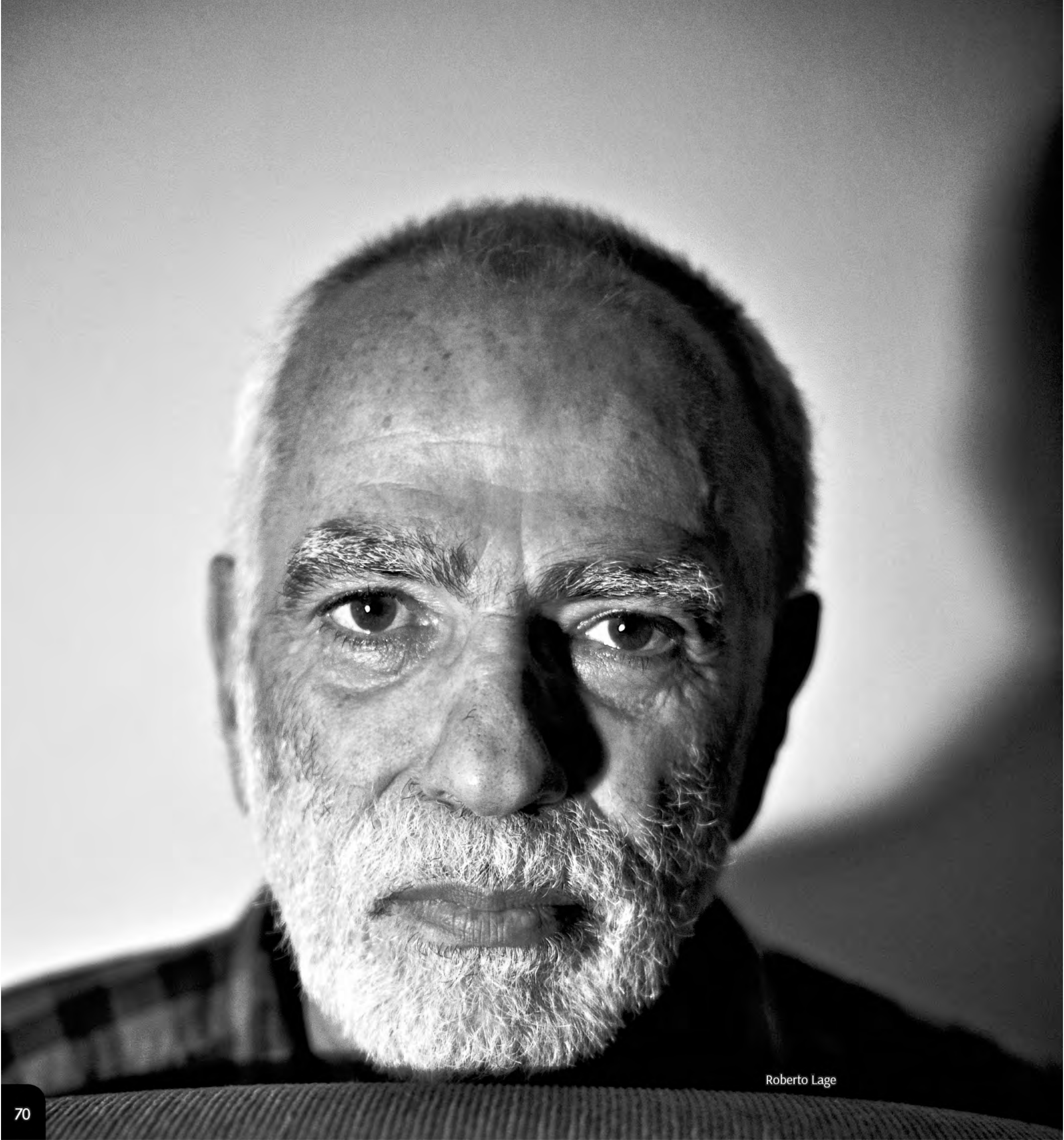
Danilo Santos de Miranda







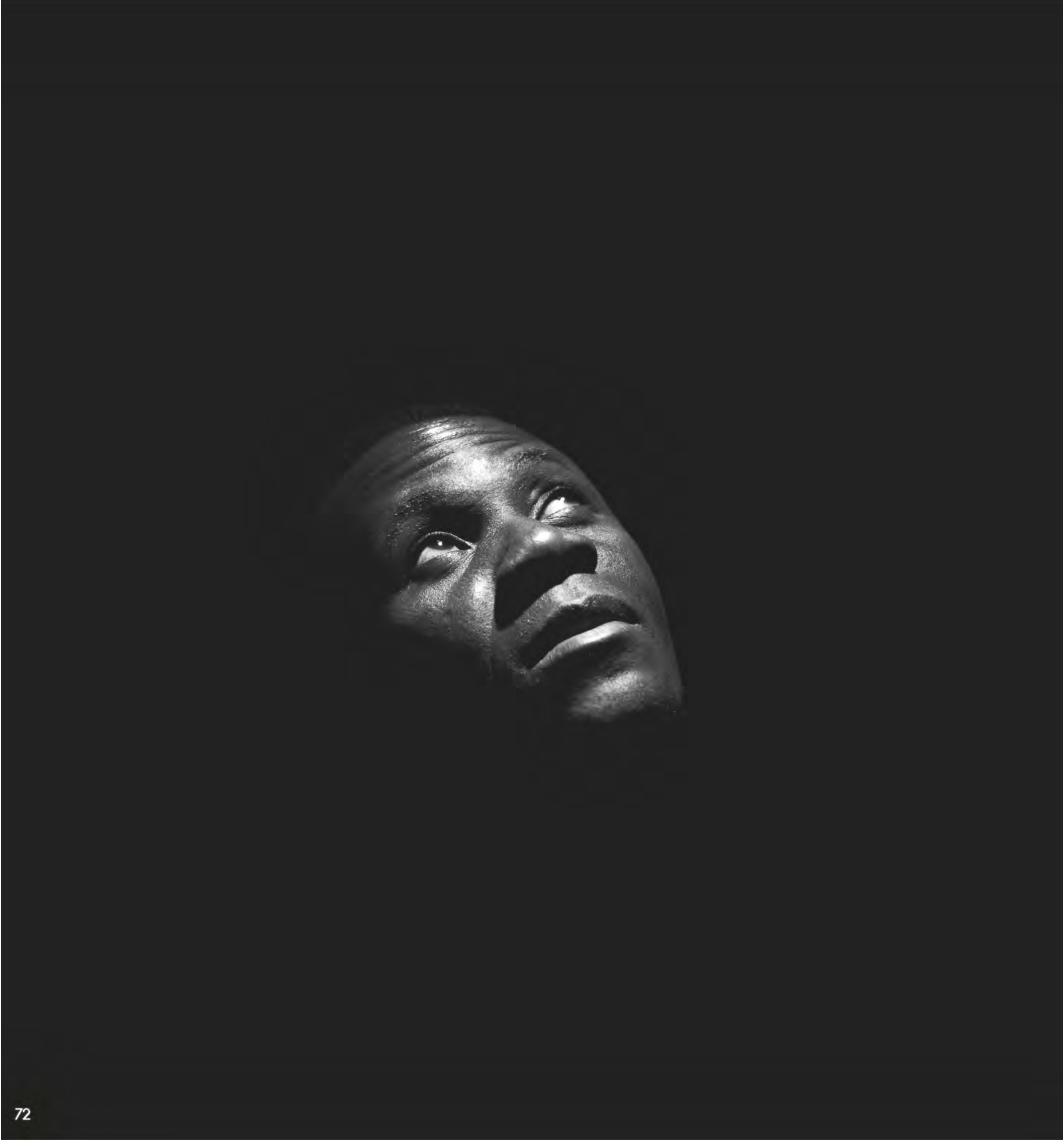
Lee Taylor



Roberto Lage



Emerson Danesi





Luciana Paes







Geraldo Mário



Melissa Vettore



Marcelo Marcus Fonseca



822
A176
E1
2000

CREATED

PARK HONAN



Fábio Resende
Luciano Carvalho
Thiago Vasconcelos



Marisa Bentivegna



Antônio Araújo



Ney Piacentini





“A marca da foto de teatro é o olhar. O olhar do ator e aquele que o fotógrafo dirige ao espetáculo. O olhar que Bob Sousa lança às montagens que registra é amoroso e perscrutador. Há dez anos ele analisa e dissecar, sempre movido pela paixão. E o faz com uma intensidade que envolve e torna vibrantes seus registros.”

**Alberto Guzik
(1944-2010)**



Camila Mota



Rachel Ripani



Cléo de Paris

Marcelo Drummond





Raul Barreto



Hugo Possolo



Elias Andreato

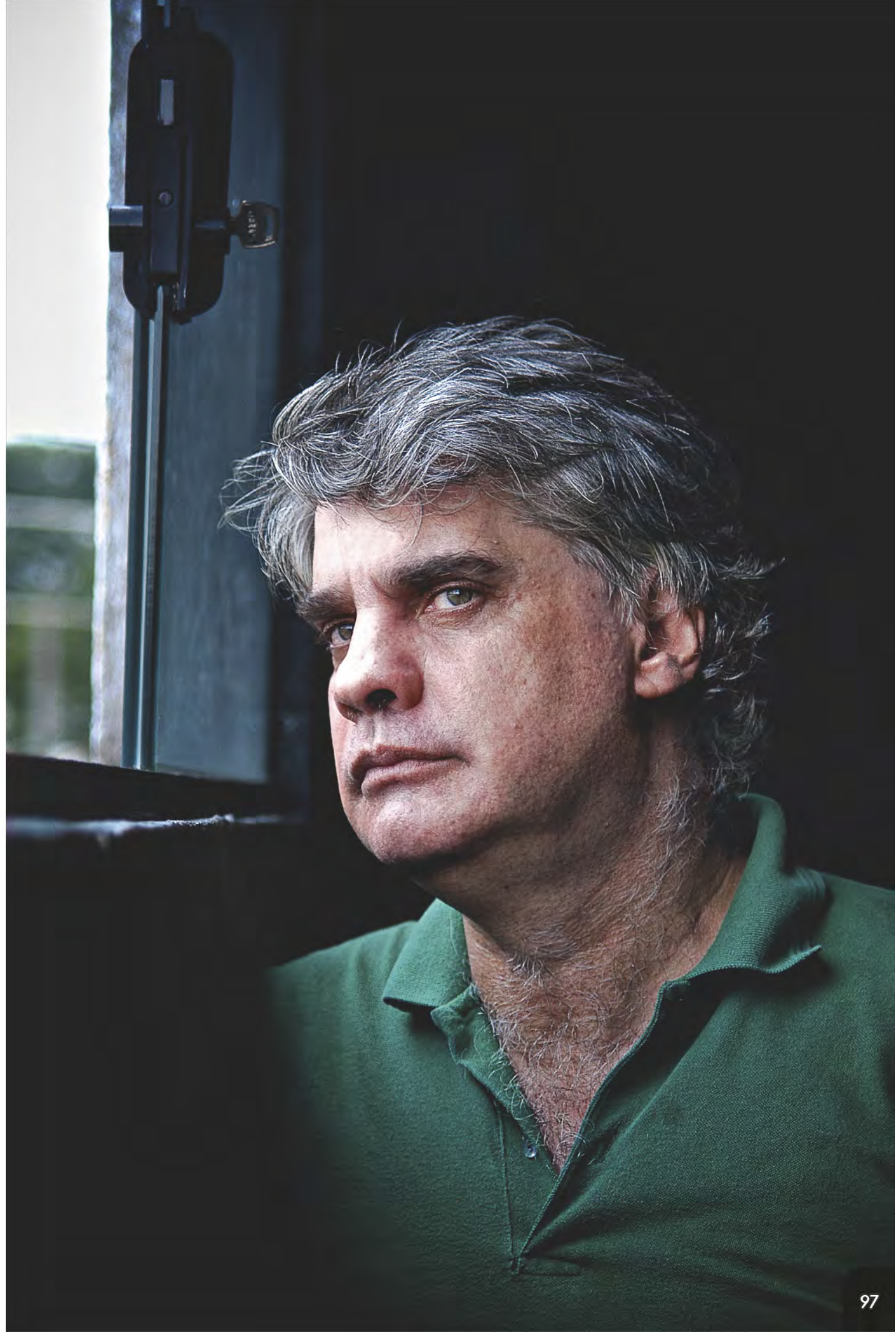


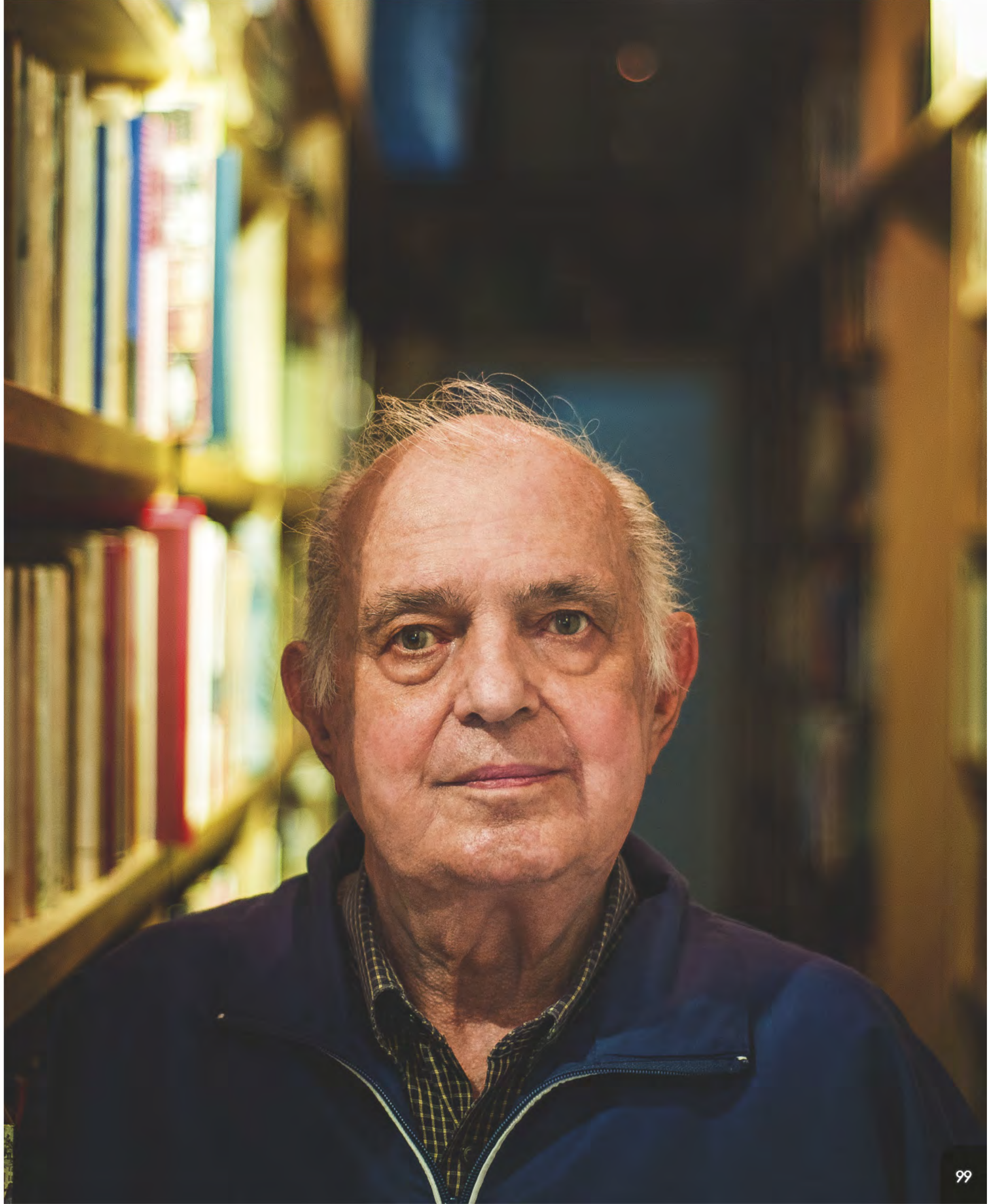
Martha Nowill



Leonardo Moreira

Eduardo Tolentino







Sebastião Milaré



Rudifran Pompeu



Beth Néspoli



Celso Curi





Sérgio Ferrara



Lizete Negreiros



Eric Lenate

Gilda Nomacce



“A fotografia em teatro é tradução e expansão do posicionamento existencial e, portanto, estético que caracteriza cada artista retratado. São muitos teatros, muitas linguagens: múltiplas estéticas encarnadas por artistas que habitam este nosso momento febril. O que caracteriza nosso panorama não são hierarquias, mas sim um campo de diferenças radicais: distintos planetas estéticos que nos convidam a visitas e experiências singulares.

O livro de Bob Sousa é uma cartografia deste vasto universo. Sua sensibilidade é a de traduzir e dignificar – em uma prospecção tão afetuosa – todos aqueles que dialogam com sua lente. E são muitos aqui reunidos, o que só desvela seu amor incondicional pelo teatro.

Este livro é, em verdade, um passeio por linguagens cênicas através de suas encarnações – e a maneira como o fotógrafo consegue perpetrar essa operação é absolutamente misteriosa. O mistério é a seara dos artistas. Bob Sousa faz de sua fotografia uma singular forma de arte.”

Roberto Alvim





Miriam Mehler



Emilio Fontana





Fernando Alves Pinto

Fernanda Capobianco



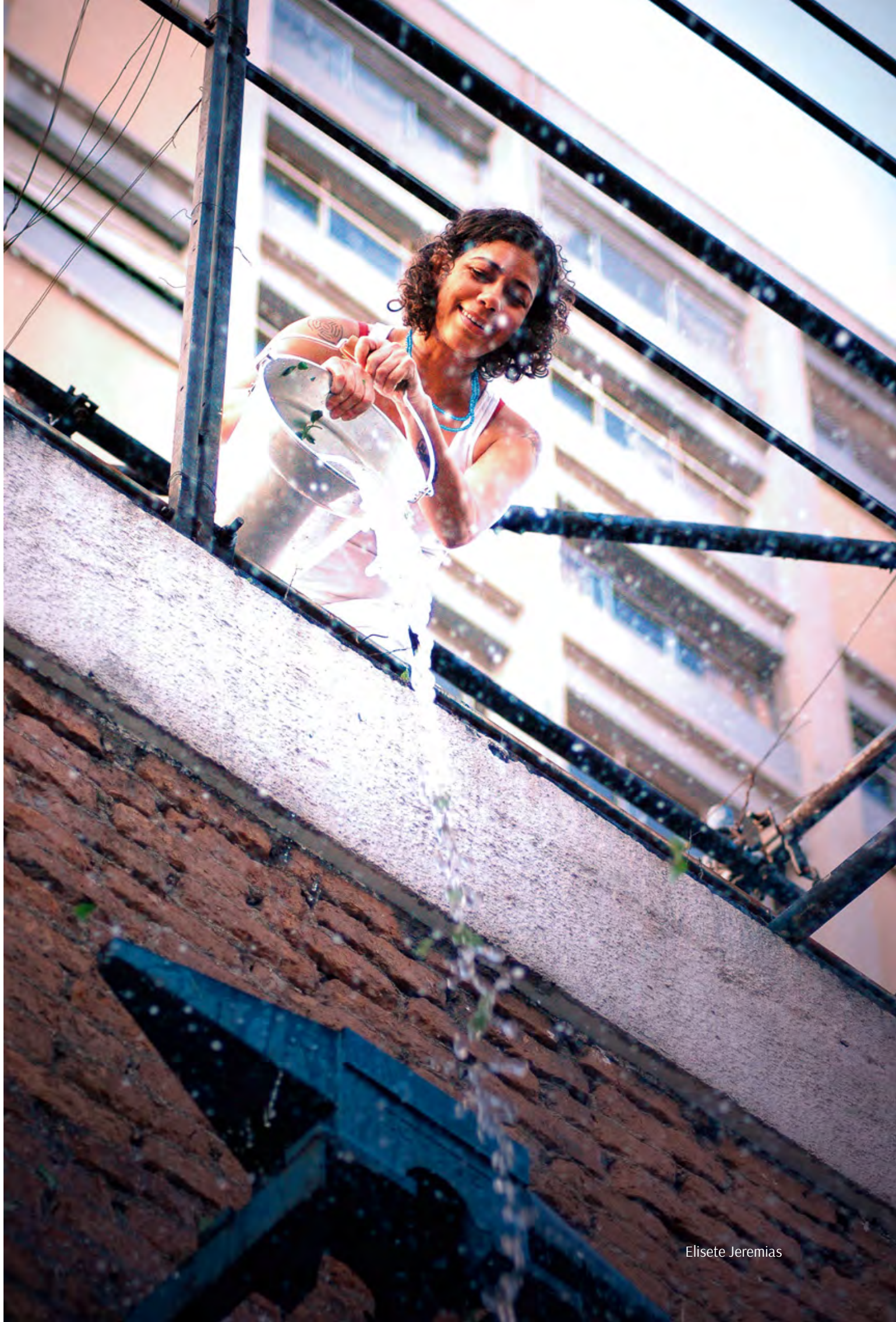




Georgette Fadel



Rodrigo Audi



Elisete Jeremias



Vânia Toledo



Renata Jesion



Sérgio Roveri





Henrique Mariano



Julia Bobrow

“A obra teatral sobrevive na memória de seu espectador na forma de uma imagem. Às vezes, ela se resume a um segundo de criação: uma insignificância levando-se em conta o tempo e o trabalho despendidos na produção do espetáculo. Esse momento, entretanto, contém a magia do teatro em estado bruto. É um instante dotado do poder de permanecer, que só encontra equivalência na vida. O teatro, como a fotografia, tem o poder de revelar esse tempo escondido – e encantado – que engrandece a existência humana. Propagar no imaginário de cada espectador o tempo infinito existente num instante. O encantamento sobrevive indefinidamente na memória daquele que o vivenciou. A arte de representar é finita. Sua magia, não.”

Gabriela Mellão





Dirceu Alves Júnior

Rosângela Ribeiro





José Cetra Filho





Brigida Menegatti





Rubens Ewald Filho



Zé Henrique de Paula





Felipe Hirsch



Marta Colabone



Denise Del Vecchio



Rodolfo García Vázquez
e Blangis



“Fotógrafos trabalham com um tempo diferente. É o momento que nunca mais vai voltar. É a piscada, o relâmpago, a faísca e depois já é outro momento, outro tempo. Nunca mais vou levantar a xícara daquele jeito. Nunca mais vou acertar a bola na mesma caçapa com o mesmo movimento de cabeça, com o mesmo olhar intrigante, sério ou apatetado. Fotógrafos são esses seres mágicos que capturam esses momentos e os imortalizam para nossa glória e nossa desgraça. Bob Sousa é um desses grão-magos. Um dos melhores que conheço. Bendito e maldito seja, Bob Sousa, por realizar de maneira tão eficaz sua sofisticada magia. Você tá ligado que de vez em quando a gente se ferra por causa disso, né?”

Mário Bortolotto



Maria Clara Spinelli



Nathália Rodrigues

SALÃO CULTURAL



Claudia Hamra

Sabrina Greve





Fernanda D'Umbra





Juliana Galdino





Cristiane Paoli-Quito



Francisco Medeiros





Marici Salomão



Isabel Teixeira



Paulo Faria



Cibele Forjaz





Clara Carvalho



Denise Weinberg

“Apesar de ter certeza absoluta de ser seu amigo de infância, desde o momento em que conheci Bob Sousa, percebi, de cara, duas coisas: o talento imenso para a fotografia e a paixão desmesurada pelo teatro. Bob não apenas fotografa artistas. Ele próprio é um artista. Tem olhar inteligente, sensível, firme e certo diante da cena teatral contemporânea. Faz história com sua lente. Bob imprime em seus retratos um olhar crítico que nenhuma palavra seria capaz de traduzir. Por isso, tenho um baita orgulho quando um texto meu sai na companhia de uma imagem produzida por ele. Bob capta aquela energia única que só existe no teatro. Coisa que só os grandes fazem. E o nosso Bob Sousa é um gigante.”

Miguel Arcanjo Prado





José Fernando de Azevedo



Ana Carolina Lima



Patrícia Vilela

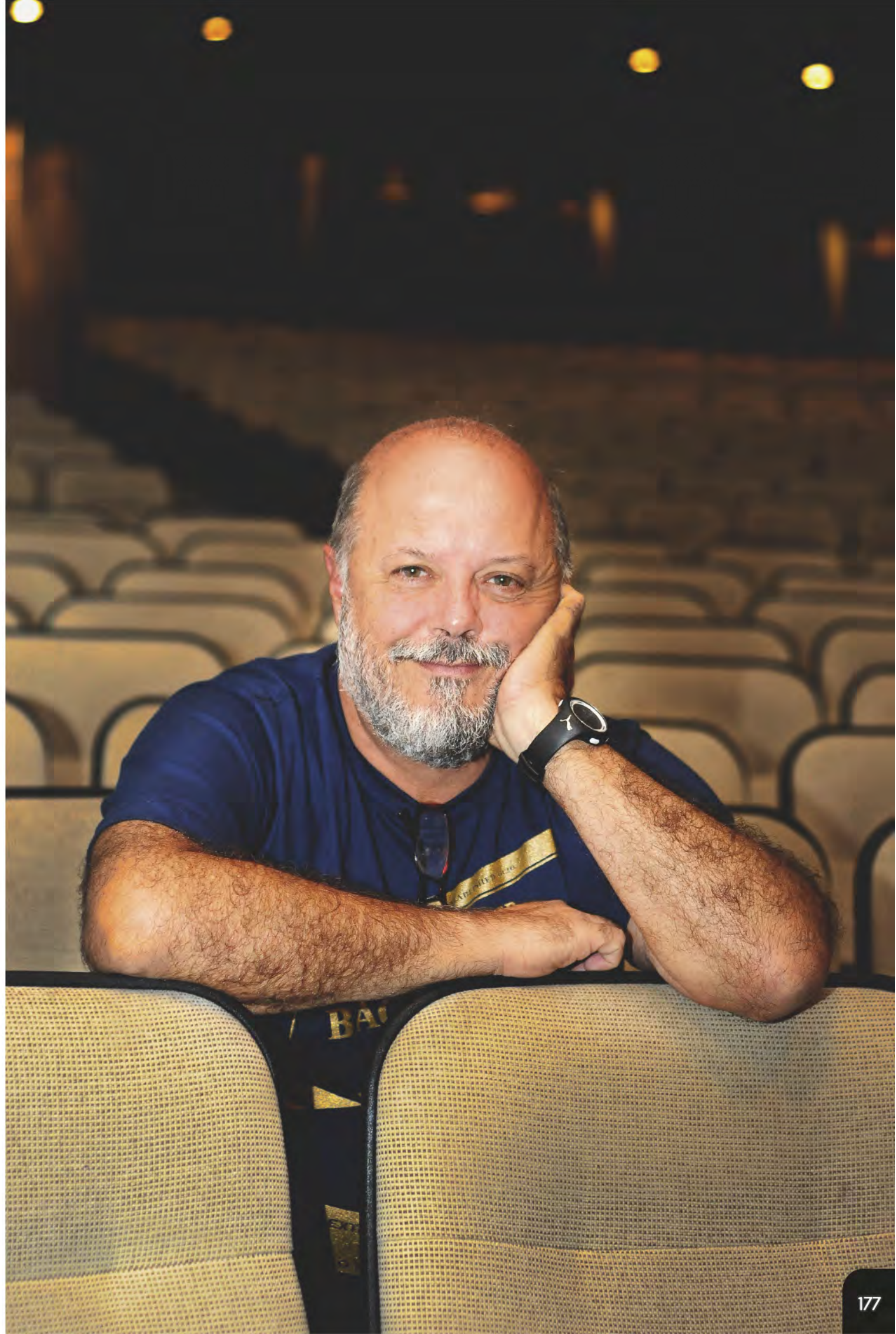


Pedro Pires





Guilherme Bonfanti



Roney Facchini



Fernanda Teixeira



Lulu Pavarin



Luiz Fernando Ramos



Iná Camargo Costa



Antônio Salvador



Tunica Teixeira





Antônio Petrin



Expedito Araújo



Sérgio Nicanor Teixeira

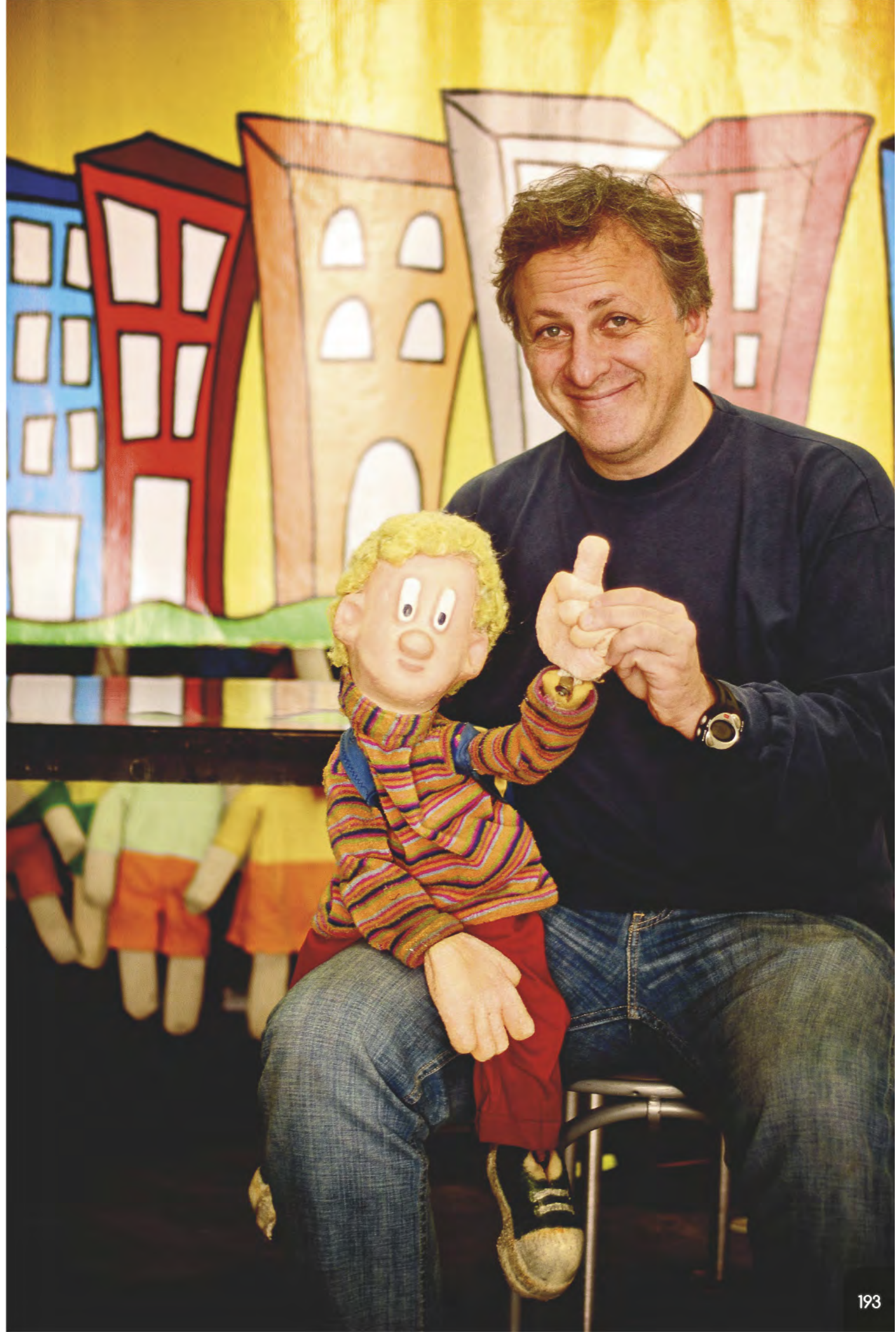


Marco Antônio Pâmio





Marco Griesi



Henrique Sitchin

“A grande contribuição de Bob Sousa foi acender uma luz sobre os artistas que trabalham há muitos anos e não são necessariamente conhecidos do grande público. A mesma coisa em relação aos espetáculos. Ele foi atrás de peças que não são exatamente as mais famosas, do *mainstream*, para registrar espetáculos com menor visibilidade e menor apelo comercial. E soube captar a importante movimentação do teatro paulistano na última década, a grande evolução de proposta encabeçada pelo teatro de grupo. Foi o primeiro a fotografar minha peça Luis Antônio – Gabriela, por exemplo, um espetáculo difícil de fotografar, feito com luzes frias, com uma estética feia, desarrumada, e conseguiu captar a beleza que estava no pensamento por trás do espetáculo. Neste livro, Bob retrata os atores, os diretores, os críticos, os verdadeiros carregadores de pedra do teatro de São Paulo. Um trabalho muito importante para nós.”

Nelson Baskerville





Roberto Bicelli



Marcio Aurelio





Samir Yazbec



Mário Fernando Bolognesi



Marco Antônio Braz

Kil Abreu







Lúcia Romano



Kleber Montanheiro



José Manuel Lázaro



Dib Carneiro Neto



Dagoberto Feliz



Daniel Maia





Selma Egrei



Fernanda Maia





Liza Scavone



Marcio Scavone



Maria Thais



Fernando Neves





Ruy Cortez

Ingrid Koudela

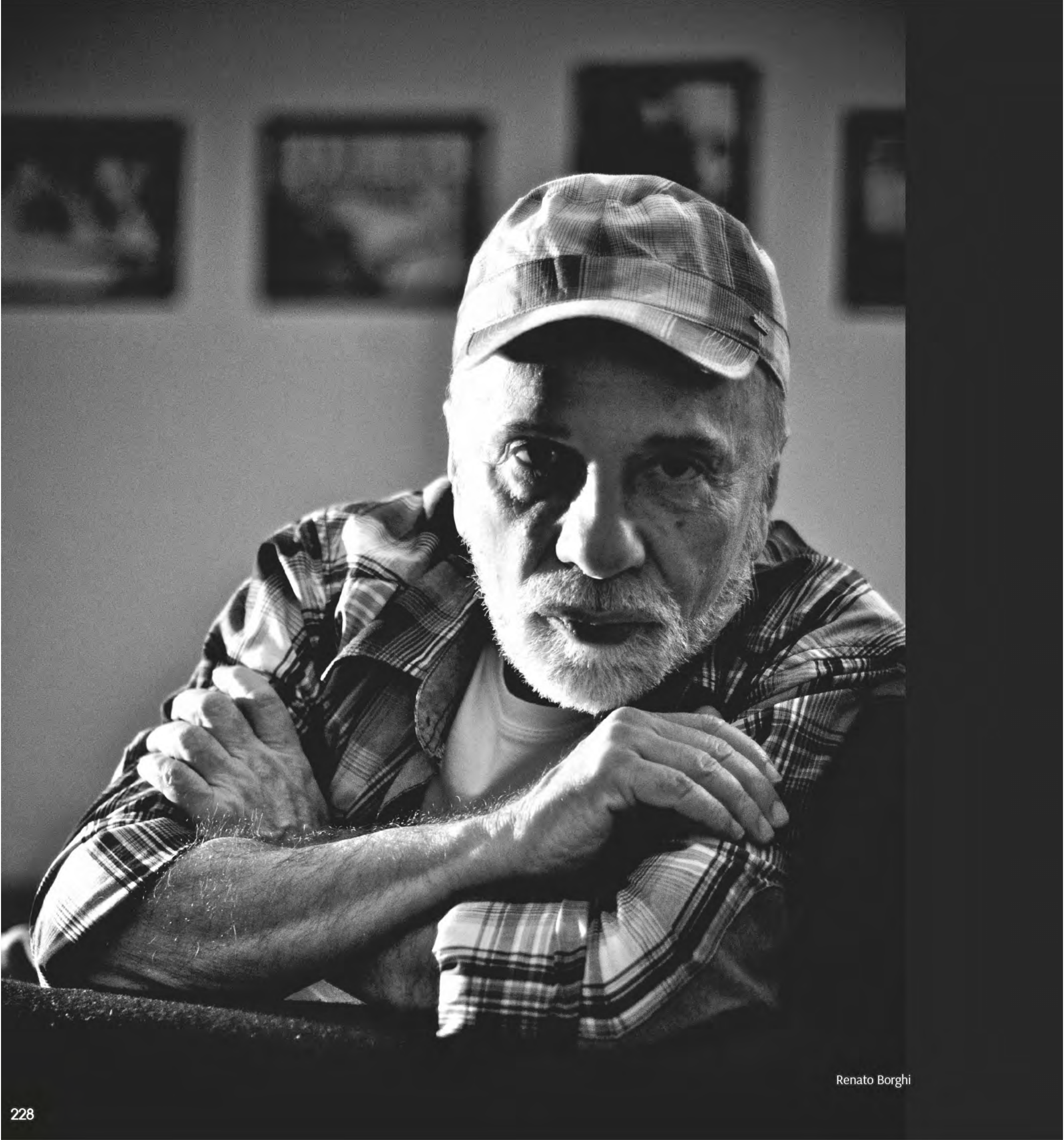




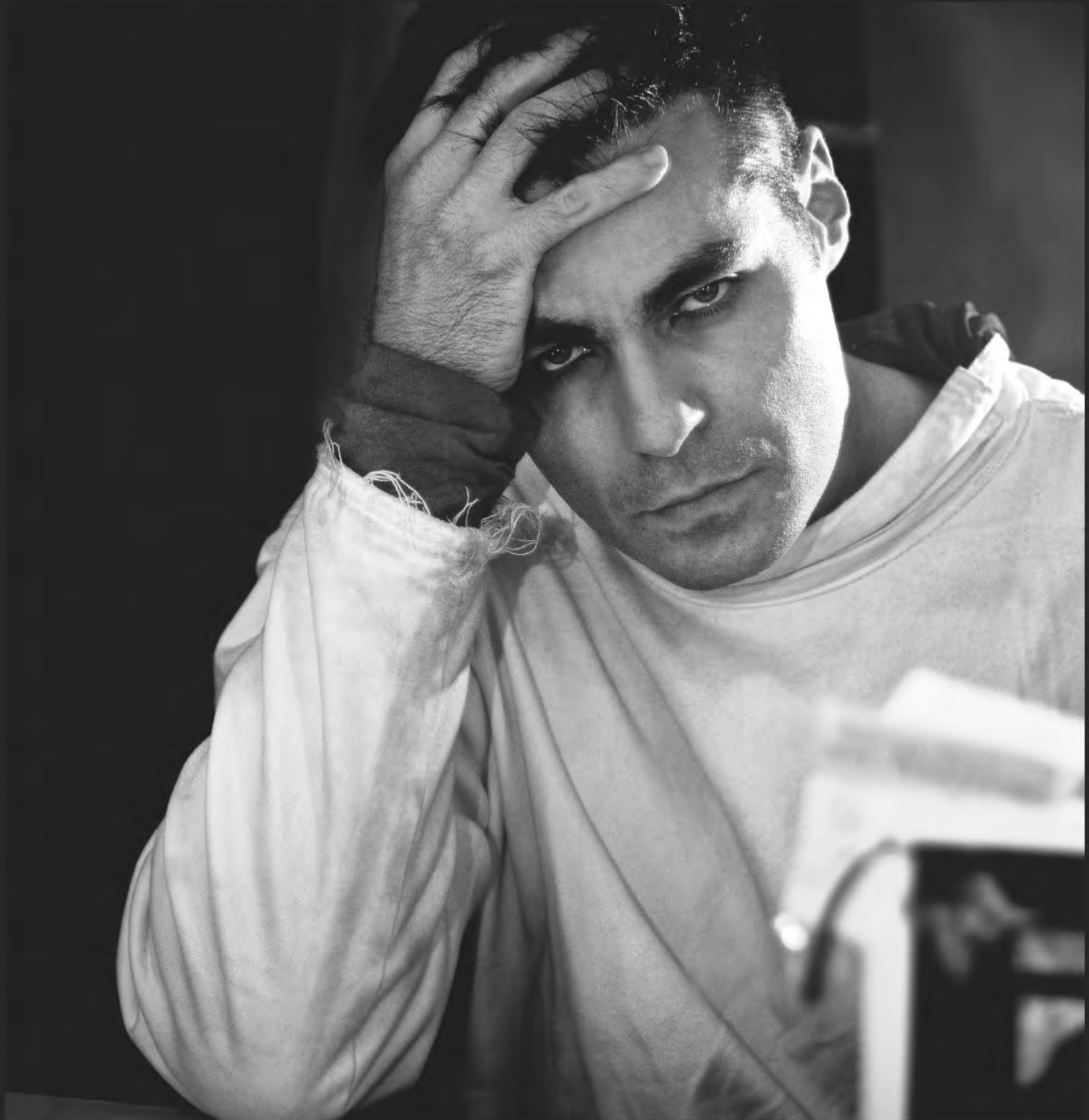
Luiz Carlos Moreira



Maria Eugênia de Menezes



Renato Borghi



Thiago Lacerda



Eduardo Okamoto

João Caldas





“Uma fotografia de teatro é um pedaço de eternidade colhido por uma pessoa com uma câmera, num instante misterioso que nunca vai se repetir, mesmo se for uma foto posada. Muitos cliques são disparados, mas há um que consegue capturar um instante de luz eterna. Para mim, é sempre uma bruxaria.

Nessa arte cênica, o fotógrafo é também um atador. Ele nada no fluxo do tempo, no magnetismo que o leva a clicar no instante de uma onda. Uma fotografia muito boa de teatro salta aos olhos como uma pedra preciosa parida após uma cópula entre atadores: de um lado o captador das imagens e, do outro, o capturado, que nunca quer se deixar capturar, mas é pego de surpresa pelo caçador. Os livros de fotografia de teatro imortalizam esses grandes artistas, de ambos os lados. E ficamos horas lendo a fotografia – e, muitas vezes, o mundo ao redor, que ultrapassa o quadro.

Geralmente, não gosto de me ver em fotos. Fujo delas. Mas algumas – as que capturam meu eu artista – me chamam a atenção até à adoração. Não por ser eu o fotografado, mas pelo mistério da revelação do instante: ponto luminoso da eternidade. É o caso da foto ao lado. Bob incorporou um pintor renascentista e me pintou como Dante Alighieri. A foto virou uma obra de arte. Pela primeira vez aceitei e passei a amar meu narigão torto, pois ele foi desenhado por Bob como um objeto riscado por Leonardo da Vinci.

Bob Sousa é um fotógrafo apaixonado pelo teatro. É uma sorte ter aparecido na história do Oficina Uzyna Uzona um ser com esse talento. Muito obrigado, amado Bob, não só por mim, mas por tudo que você nos revela do atual teatro brasileiro.”

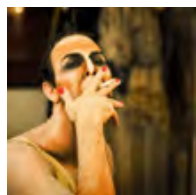
Zé Celso



ÍNDICE DE IMAGENS



Antunes Filho
(2010)
Pág. 34



Danilo Grangheia
(2011)
Pág. 36



Lavinia Pannunzio
(2005)
Pág. 37



Carlos Colabone
(2011)
Pág. 38



Valmir Santos
(2011)
Pág. 39



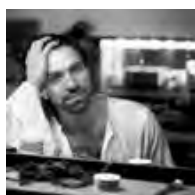
Antonio Fagundes
(2013)
Pág. 40



Joca Andreazza
(2010)
Pág. 42



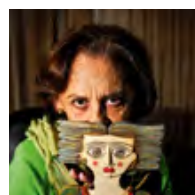
Flávia Tápias
(2010)
Pág. 43



José Roberto Jardim
(2013)
Pág. 44



Bel Kowarick
(2011)
Pág. 45



Laura Cardoso
(2010)
Pág. 46



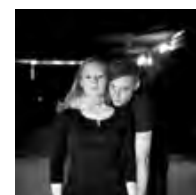
Fabiana Vajman
(2010)
Pág. 48



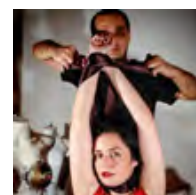
Bete Dorgam
(2011)
Pág. 50



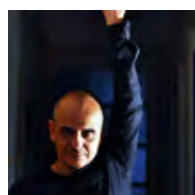
Célia Forte e
Selma Morente
(2011)
Pág. 52



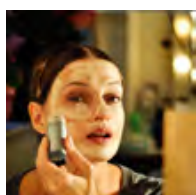
Stella Menz e Juan
Manuel Tellategui
(2013)
Pág. 53



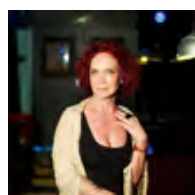
Amália Pereira e
Reginaldo
Nascimento (2010)
Pág. 54



Marcos Pedroso
(2010)
Pág. 55



Denise Fraga
(2010)
Pág. 56



Neyde Veneziano
(2013)
Pág. 58



Christiane Tricerri
(2010)
Pág. 59



Maria Manoella
(2010)
Pág. 60



Luciano Maza
(2010)
Pág. 61



Dan Stulbach
(2011)
Pág. 62



Luciano Chirolli
(2011)
Pág. 64



J.C. Serroni
(2011)
Pág. 65



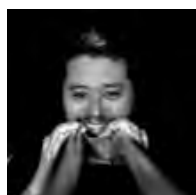
Danilo Santos
de Miranda
(2010)
Pág. 66



Lee Taylor
(2011)
Pág. 68



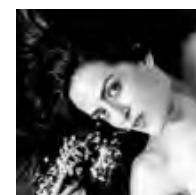
Roberto Lage
(2011)
Pág. 70



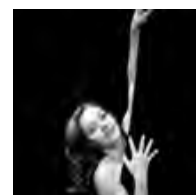
Emerson Danesi
(2010)
Pág. 71



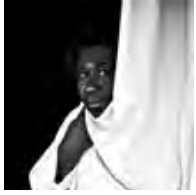
Marco Aurélio Olímpio
(2005)
Pág. 72



Luciana Paes
(2012)
Pág. 74



Amazyles de Almeida
(2006)
Pág. 76



Geraldo Mário
(2011)
Pág. 77



Melissa Vettore
(2010)
Pág. 78



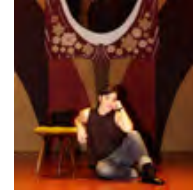
Marcelo Marcus
Fonseca (2011)
Pág. 79



Lígia Cortez
(2010)
Pág. 80



Fábio Resende, Luciano
Carvalho e Thiago
Vasconcelos (2013)
Pág. 82



Marisa Bentivegna
(2013)
Pág. 83



Antônio Araújo
(2013)
Pág. 84



Ney Piacentini
(2011)
Pág. 85



Alberto Guzik
(2009)
Pág. 86



Camila Mota
(2010)
Pág. 88



Rachel Ripani
(2010)
Pág. 89



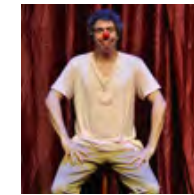
Cléo de Páris
(2010)
Pág. 90



Marcelo Drummond
(2010)
Pág. 91



Raul Barreto
(2010)
Pág. 92



Hugo Possolo
(2010)
Pág. 93



Elias Andreato
(2011)
Pág. 94



Martha Nowill
(2010)
Pág. 95



Leonardo Moreira
(2011)
Pág. 96



Eduardo Tolentino
(2011)
Pág. 97



Sábato Magaldi
(2012)
Pág. 98



Sebastião Milaré
(2010)
Pág. 100



Rudifran Pompeu
(2012)
Pág. 101



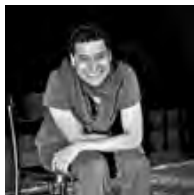
Beth Néspoli
(2010)
Pág. 102



Celso Curi
(2012)
Pág. 103



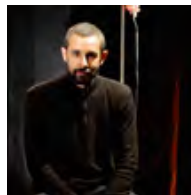
Jacó Guinsburg
(2012)
Pág. 104



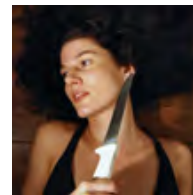
Sérgio Ferrara
(2011)
Pág. 106



Lizete Negreiros
(2011)
Pág. 107



Eric Lenate
(2012)
Pág. 108



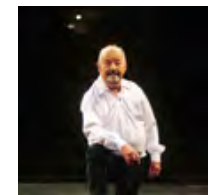
Gilda Nomacce
(2010)
Pág. 109



Roberto Alvim
(2010)
Pág. 110



Miriam Mehler
(2013)
Pág. 112



Emilio Fontana
(2013)
Pág. 113



Cacá Rosset
(2011)
Pág. 114



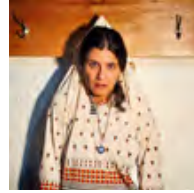
Fernando Alves Pinto
(2010)
Pág. 116



Fernanda Capobianco
(2010)
Pág. 117



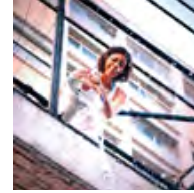
Maria Alice Vergueiro
(2011)
Pág. 118



Georgette Fadel
(2010)
Pág. 120



Rodrigo Audi
(2010)
Pág. 121



Elisete Jeremias
(2010)
Pág. 122



Vânia Toledo
(2010)
Pág. 123



Renata Jesion
(2012)
Pág. 124



Sérgio Roveri
(2010)
Pág. 125



Caco Ciocler
(2011)
Pág. 126



Henrique Mariano
(2012)
Pág. 128



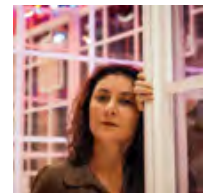
Julia Bobrow
(2009)
Pág. 129



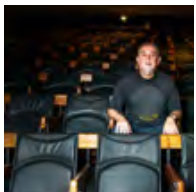
Gabriela Mellão
(2010)
Pág. 130



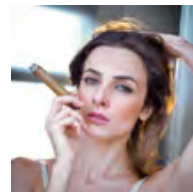
Dirceu Alves Júnior
(2011)
Pág. 132



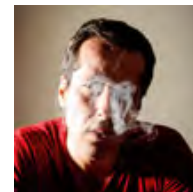
Rosângela Ribeiro
(2010)
Pág. 133



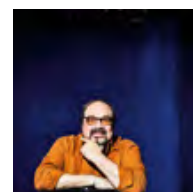
José Cetra Filho
(2013)
Pág. 134



Brígida Menegatti
(2010)
Pág. 136



Otávio Martins
(2010)
Pág. 137



Rubens Ewald Filho
(2010)
Pág. 138



Zé Henrique de Paula
(2010)
Pág. 139



Luís Alberto de Abreu
(2013)
Pág. 140



Felipe Hirsch
(2013)
Pág. 142



Marta Colabone
(2011)
Pág. 143



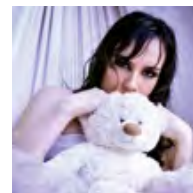
Denise Del Vecchio
(2013)
Pág. 144



Rodolfo García Vázquez
e Blangis (2010)
Pág. 145



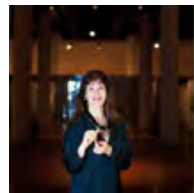
Mário Bortolotto
(2011)
Pág. 146



Maria Clara Spinelli
(2010)
Pág. 148



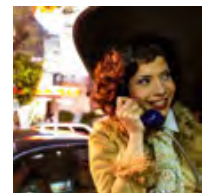
Nathália Rodrigues
(2010)
Pág. 149



Claudia Hamra
(2013)
Pág. 150



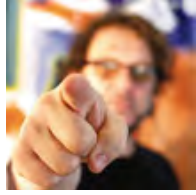
Sabrina Greve
(2011)
Pág. 151



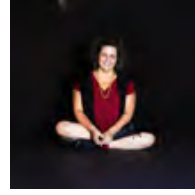
Fernanda D'Umbra
(2005)
Pág. 152



Juliana Galdino
(2010)
Pág. 154



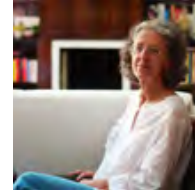
Luiz G. C. Valazaras
(2010)
Pág. 155



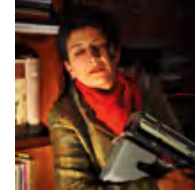
Cristiane Paoli-Quito
(2013)
Pág. 156



Francisco Medeiros
(2012)
Pág. 157



Mariangela Alves
de Lima (2013)
Pág. 158



Marici Salomão
(2010)
Pág. 160



Isabel Teixeira
(2010)
Pág. 161



Paulo Faria
(2012)
Pág. 162



Cibele Forjaz
(2013)
Pág. 163



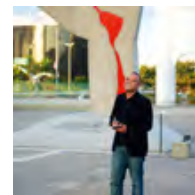
Leopoldo Pacheco
(2012)
Pág. 164



Clara Carvalho
(2012)
Pág. 166



Denise Weinberg
(2012)
Pág. 167



Miguel Arcanjo Prado
(2013)
Pág. 168



José Fernando de
Azevedo (2013)
Pág. 170



Ana Carolina Lima
(2010)
Pág. 171



Patrícia Vilela
(2010)
Pág. 172



Pedro Pires
(2011)
Pág. 173



Marcos Caruso
(2013)
Pág. 174



Guilherme Bonfanti
(2013)
Pág. 176



Roney Facchini
(2012)
Pág. 177



Fernanda Teixeira
(2012)
Pág. 178



Lulu Pavarin
(2012)
Pág. 179



Luiz Fernando Ramos
(2010)
Pág. 180



Iná Camargo Costa
(2013)
Pág. 181



Antônio Salvador
(2013)
Pág. 182



Tunica Teixeira
(2011)
Pág. 183



Cacá Carvalho
(2013)
Pág. 184



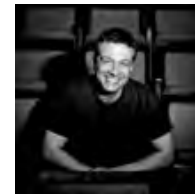
Antônio Petrin
(2012)
Pág. 186



Expedito Araújo
(2013)
Pág. 187



Sérgio Nicanor
Teixeira (2011)
Pág. 188



Marco Antônio Pâmio
(2013)
Pág. 189



César Vieira (Idibal
Pivetta) (2013)
Pág. 190



Marco Griesi
(2013)
Pág. 192



Henrique Sitchin
(2013)
Pág. 193



Nelson Baskerville
(2010)
Pág. 194



Roberto Bicelli
(2013)
Pág. 196



Marcio Aurelio
(2011)
Pág. 197



Bete Coelho
(2010)
Pág. 198



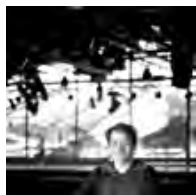
Samir Yazbec
(2012)
Pág. 200



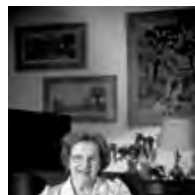
Mário Fernando
Bolognesi (2012)
Pág. 201



Marco Antônio Braz
(2011)
Pág. 202



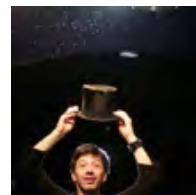
Kil Abreu
(2013)
Pág. 203



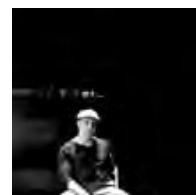
Nydia Licia
(2013)
Pág. 204



Lúcia Romano
(2012)
Pág. 206



Kleber Montanheiro
(2013)
Pág. 207



José Manuel Lázaro
(2013)
Pág. 208



Dib Carneiro Neto
(2013)
Pág. 209



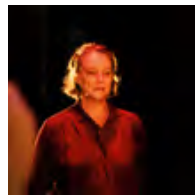
Dagoberto Feliz
(2011)
Pág. 210



Daniel Maia
(2012)
Pág. 211



Maria Thereza Vargas
(2013)
Pág. 212



Selma Egrei
(2012)
Pág. 214



Fernanda Maia
(2013)
Pág. 215



Ilo Krugli
(2013)
Pág. 216



Liza Scavone
(2011)
Pág. 218



Marcio Scavone
(2010)
Pág. 219



Maria Thais
(2013)
Pág. 220



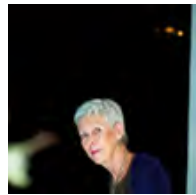
Fernando Neves
(2013)
Pág. 221



Ivam Cabral
(2010)
Pág. 222



Ruy Cortez
(2012)
Pág. 224



Ingrid Koudela
(2013)
Pág. 225



Luiz Carlos Moreira
(2011)
Pág. 226



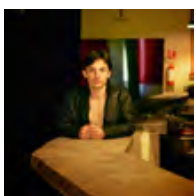
Maria Eugênia
de Menezes (2011)
Pág. 227



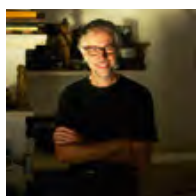
Renato Borghi
(2011)
Pág. 228



Thiago Lacerda
(2012)
Pág. 229



Eduardo Okamoto
(2013)
Pág. 230



João Caldas
(2013)
Pág. 231



Luciana Lyra
(2013)
Pág. 232



Zé Celso (José Celso
Martinez Corrêa)
(2010)
Pág. 234

Esta obra foi composta em Alfa Slab One, Arsenal e Comfortaa e impressa pela PIGMA GRÁFICA E EDITORA LTDA em papel Couchê Fosco LD 150g/m².



Ministério da
Cultura

